



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

*Versão para registro histórico*

*Não passível de alteração*

CPI - MÁFIA DO FUTEBOL			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0496/16	DATA: 31/05/2016	
LOCAL: Plenário 8 das Comissões	INÍCIO: 14h30min	TÉRMINO: 17h56min	PÁGINAS: 68
DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO			
WALTER FELDMAN - Secretário-Geral da Confederação Brasileira de Futebol — CBF.			
SUMÁRIO			
OBSERVAÇÕES			
Houve exibição de imagens. Houve exibição de vídeo. Houve intervenções inaudíveis.			



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Senhoras e senhores, declaro aberta a 10ª Reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito da Máfia do Futebol.

Informo que se encontram à disposição dos Srs. Parlamentares cópias da ata da 9ª Reunião. Indago se há necessidade de sua leitura.

**O SR. DEPUTADO JOÃO RODRIGUES** - Não, Sr. Presidente. Peço dispensa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Dispensada a leitura, por solicitação do Deputado João Rodrigues.

Em discussão a ata. *(Pausa.)*

Não havendo quem queria discutir, submeto à votação a respectiva ata.

Os Deputados que a aprovam permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovada.

Informo aos senhores o recebimento das seguintes correspondências:

- Do Presidente da Câmara dos Deputados, comunicando a indicação, pelo Partido Progressista, do Deputado Sandes Júnior para compor esta CPI na qualidade de titular.

- Da Caixa Econômica Federal, encaminhando resposta ao Requerimento nº 74, de 2016, de autoria do Deputado Silvío Torres, que requeria informações acerca da adesão ao PROFUT.

- Do Grupo Globo Comunicação e Participações S.A., encaminhando resposta ao Requerimento nº 48, de 2016, de autoria do Deputado Major Olímpio, informando que os contratos celebrados pelo Grupo Globo com a Confederação Brasileira de Futebol não se enquadram no objeto de investigação desta CPI. Esclarece ainda que existem nos referidos contratos cláusulas de confidencialidade que impediriam o Grupo Globo de revelar os termos contratuais.

Senhoras e senhores, a presente reunião destina-se à realização de audiência pública com a presença do Secretário-Geral da Confederação Brasileira de Futebol, Sr. Walter Feldman, a quem convido para tomar assento à Mesa.

Eu peço a atenção das senhoras e dos senhores para as normas estabelecidas no Regimento Interno da Casa: o tempo concedido para o convidado será de até 20 minutos, prorrogáveis a juízo da Comissão, não podendo ser



aparteado. Os Parlamentares interessados em interpelá-lo deverão inscrever-se previamente junto à Secretaria.

Concedo a palavra por até 20 minutos ao Sr. Walter Feldman.

**O SR. DEPUTADO GOULART** - Peço a palavra pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Tem V.Exa. a palavra.

**O SR. DEPUTADO GOULART** - Sr. Presidente, temos alguns requerimentos importantes a serem definidos pela Comissão, e eu tenho certeza de que o nosso convidado, o melhor Secretário de Esportes que o Estado de São Paulo já teve, não vai se importar se V.Exa. colocar em votação, principalmente, um que nós transformamos o convite da Rede Globo, para que sejam pedidos à CBF os documentos. Se houver possibilidade de colocá-lo em votação, isso já resolveria de uma vez.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Deputado Goulart, não está na pauta de hoje. Nós já temos um requerimento aprovado no dia 23 de abril, de autoria do Deputado João Derly, solicitando à CBF os mesmos documentos e temos outros dois aqui do Deputado João Rodrigues, que está presente aqui, e do Deputado César Halum, que poderão ser votados na nossa próxima sessão.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA** - Pela ordem, Sr. Presidente.

Parece-me que esta reunião é só de audiência pública.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Sim, de audiência pública.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA** - Não é deliberativa?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Não, não é deliberativa.

**O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA** - Deliberativa será a próxima. O.k.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Por isso estamos colocando os requerimentos para a próxima quinta-feira.

**O SR. DEPUTADO JOÃO RODRIGUES** - Uma dúvida, Sr. Presidente.

Então, nada será deliberado hoje? Só teremos a audiência pública?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Esta reunião é para a audiência pública.

Concedo a palavra por até 20 minutos ao Sr. Walter Feldman, agradecendo a sua presença aqui nesta CPI.



**O SR. WALTER FELDMAN** - Deputado Laudivio Carvalho, na pessoa de V.Exa., cumprimento todos os membros da CPI, bem como o Deputado Fernando Monteiro, que, neste momento, compõe a Mesa.

Queria agradecer a presença a todos os Srs. Deputados Federais que compõem esta CPI, àqueles que não puderam ficar, pois conheço a plethora de Comissões que existe nesta Casa, exatamente na tarde hoje e na quarta-feira de manhã.

Portanto, compreendo que eles nos acompanharão através de outros mecanismos. Aceitamos o convite feito através do requerimento do Deputado Fernando Monteiro, exatamente para termos a oportunidade de expor aquilo que a CBF vem realizando nesse período. Há pouco mais de 1 ano, após a nossa posse no dia 16 de abril de 2015, através de um convite do Presidente Marco Polo, aceitei a posição de Secretário-Geral, depois de três mandatos nesta Casa, os quais exerci com muito orgulho, muita dedicação, exatamente na Comissão do Esporte, depois de um longo período na Secretaria de Esporte do Município de São Paulo.

Quero dizer, Presidente Laudivio, que exerci algumas funções parlamentares e outras executivas, mas nunca fui tão completo e tão feliz como quando Secretário de Esporte no Município de São Paulo, até porque acredito, até hoje — e queria agradecer as palavras do Deputado Goulart fazendo uma referência a isto —, que não existe, por parte dos agentes públicos, nos três níveis, compreensão do papel que o esporte pode exercer na sociedade brasileira. De uma maneira transversal, pode realizar atividades eu diria muito consistentes do ponto de vista social, do ponto de vista de práticas de políticas públicas na área da saúde, da educação, do transporte, da segurança, da organização comunitária. É uma atividade que nos leva à prática feliz e à construção de uma qualidade de vida muito mais significativa do que aquela que existe hoje nas grandes, médias e até pequenas cidades brasileiras.

Os recursos hoje destinados à área de esporte são muito reduzidos, não atingem 1% dos Orçamentos federal, estadual e municipal. Com certeza, se fossem ampliados, como, felizmente, aconteceu no meu período, na gestão do Prefeito Gilberto Kassab, sei que nós poderíamos ter resultados significativos até do ponto de vista da saúde pública. Nós teríamos menos demanda nos hospitais, nos prontos-



socorros, porque a atividade preventiva que o esporte — e a atividade física — pode realizar não foi ainda devidamente equacionada pelos agentes públicos brasileiros.

Portanto, tanto a Comissão do Esporte da Câmara como esta CPI podem dar uma grande contribuição, para que possamos realizar a nossa transformação, até porque essa é uma característica do Brasil, por conta do nosso clima, das nossas características genéticas, do amplo espaço aberto, uma costa gigantesca em que a prática esportiva pode ser realizada. Felizmente, temos tido bons resultados na área do surfe, que é uma atividade ambiental natural. Resultados significativos demonstram essa nossa qualidade: exercendo com qualidade e com determinação — eu diria até com as características científicas que o esporte vem incorporando —, nós podemos ter resultados não apenas no ganho de medalhas ou de vitórias, como espero que tenhamos nos Jogos Olímpicos, mas também numa qualidade de vida melhor para a nossa população. E é exatamente com essas características que temos trabalhado.

Por isso, eu fiquei muito feliz quando do convite do Deputado Fernando Monteiro — sei que aprovado aqui no plenário —, porque seria uma oportunidade de nós apresentarmos aquilo que a CBF — Confederação Brasileira de Futebol vem realizando.

É claro que existem dúvidas de todo tipo. Temos acompanhado as sequencias dos requerimentos, as oitivas daqueles que têm aqui comparecido, mas nós queremos, também, mostrar o outro lado. Imagino que o relatório do Deputado Fernando Monteiro terá um grande conteúdo propositivo, porque futebol é uma matéria de interesse nacional. Temos acompanhado as pesquisas da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos — Apex-Brasil que revelam que o primeiro item da imagem do Brasil lá fora é o futebol.

Recebi, nesses dias, um documento de uma palestra que foi realizada pelo técnico Parreira, após a nossa vitória em 1994. Ele denomina nessa palestra, aos técnicos que competiram, naquela oportunidade, o mito da amarelinha. Qual o significado da amarelinha para nós, brasileiros, e muito lá fora? Como a nossa Seleção — apesar, muitas vezes, desses fluxos naturais, derrotas e fracassos que fazem parte da nossa história — tem um significado muito mais relevante, inclusive daquele que nós, brasileiros, conseguimos dimensionar?



A Seleção Brasileira ainda é a segunda seleção mais querida do mundo. Perguntariam: “*Ué, por que não a primeira?*” É a primeira no Brasil, mas é a segunda em todos os países que têm suas próprias seleções. Qual o potencial, qual significado disso? Há significado do ponto de vista de imagem, de construção de relações, num momento em que se trabalham muito as questões diplomáticas, a cultura de paz, as relações comerciais. E há o significado monetizável dos produtos que podemos transformar num processo, eu diria, acelerado de internacionalização do futebol brasileiro, comandado aqui pelo Deputado Vicente Candido, que já passou pelo nosso plenário, mas demonstra que temos ainda um potencial gigantesco de crescimento.

É por isso que essas Comissões e esta CPI têm uma relevância para investigar profundamente o passado, ou seja, o que houve, como nós podemos corrigir eventuais equívocos ou problemas que aconteceram em que a prática privada ou a prática do futebol tinham algumas características sem o olhar da sociedade, da população, um olhar que, hoje, é absolutamente necessário e que faz parte de um processo de compartilhamento.

O futebol que nós queremos construir só será construído por todos nós. Por isso, esperamos a contribuição da CPI, da Comissão de Esportes e temos expectativa grande, Deputado Fernando, quanto ao conteúdo propositivo que V.Exa. irá apresentar juntamente com todos os nossos queridos Deputados que compõem esta Comissão.

Por isso, eu peço licença, Sr. Presidente, para fazer uma rápida exposição do esforço que temos tido nesse período. Eu diria que nós assumimos, em abril de 2016, sob o comando do Presidente Marco Polo, uma diretoria muito nova, com uma média de idade de 40 a 43 anos, todos muito dispostos a darem a sua contribuição. Imediatamente, nós contratamos a empresa de consultoria incluída entre as quatro grandes do mundo, a Ernst & Young, para que nos ajudasse a elaborar um diagnóstico de governança, risco e conformidades. Nenhuma empresa privada do mundo pode querer dar um salto rumo à modernidade sem ter clareza das suas características de governança, risco e conformidades.

Há hoje um acompanhamento internacional em relação a isso, e nós, a partir dessa contratação que aconteceu antes, inclusive, do ocorrido em Zurique, quando



estourou o escândalo do futebol, já perseguimos uma linha de modernização, de ética, de transparência, de democracia, de participação e de transformação profunda das bases e da realidade que, naquele momento, nós encontrávamos.

Quero dizer que essa meta, esse objetivo, esse desejo continua. Nós não nos abalamos por conta das denúncias, dos acompanhamentos do FBI, da CPI, dos processos de investigação que devem ter a sua continuidade, mas nós estamos absolutamente perseguindo aquilo que consideramos ser fundamental para a transformação da nossa realidade, para que nós continuemos mantendo a imagem positiva que o Brasil tem lá fora, mas, principalmente, assegurando os rumos do presente e, particularmente, do futuro. Qualquer resultado da Seleção Brasileira, qualquer avanço no futebol brasileiro tem significado na paixão e na alma popular.

Uma das grandes preocupações nossas, Sr. Presidente, hoje, é a entrada, eu diria, muito segura do futebol estrangeiro no Brasil. Muitos brasileirinhos, muitas crianças, muitos jovens, hoje, passam a torcer para o Barcelona, para o Bayern, para a Atlético de Madrid, para o Real Madrid, em detrimento das nossas camisas. Isso não é por acaso, isso é competitividade. Isso é um produto de *marketing*, isso é venda daquilo que se dá pela qualidade, muitas vezes, do futebol que lá é praticado, mas, muitas vezes, pela capacidade de se internacionalizar esses produtos.

Por isso, a nossa preocupação de criarmos um novo modelo, uma nova estrutura. Hoje, o PIB mundial do futebol é 1%. Imagine: de toda a economia do mundo, 1% é gerido pelo futebol! O Brasil é 0,2%. Isso significa que nós temos um potencial ainda não trabalhado de 0,8%, para fazer com que, na nossa economia, o significado seja, muitas vezes, maior do que é hoje.

O que vai significar isso? Mais recursos para os clubes, mais qualidade dos nossos equipamentos, mais capacidade de oferecer condições para que o torcedor demande mais os nossos estádios. Nós temos realizado esse movimento em troca das garrafas PET, um trabalho ambiental de sustentabilidade muito forte que iniciamos na Copa Verde, para reestimularmos o torcedor brasileiro a voltar para os estádios e torcer pelos seus times, pelos seus clubes, pelas suas camisas.

Hoje, muitas vezes, o brasileirinho prefere comprar a camisa do Barcelona a comprar a do Corinthians, do nosso Presidente aqui, o Deputado Andres Sanchez, e



do corintiano extraordinário Deputado Goulart, que me ensinou muito, também, a ter simpatia pelo Corinthians.

Tudo isso nos interessa, tudo isso são movimentos estratégicos de compreensão da realidade para que possamos atuar de maneira consistente rumo a essa transformação que, insisto, será feita por todos nós.

Eu queria rapidamente, Sr. Presidente, Sr. Relator e Srs. Deputados, fazer uma apresentação aqui. Se o senhor me permitir, eu gostaria de ficar ao lado com o microfone, talvez seja mais fácil.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Fique à vontade.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Muito obrigado.

Farei uma rápida apresentação. Não vou cansar os senhores.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Nós queremos criar uma nova CBF, um novo futebol, isso também é estrutura mercadológica. Nós temos que avançar rumo a modelos que levem muito melhor e de forma mais competente a nossa imagem, seja no Brasil seja lá fora, a nova CBF e quais são algumas características desse instrumento, dessa instituição mais que secular e que pode ajudar muito a organização dos nossos clubes e a venda dos nossos produtos tanto aqui como lá fora.

Aqui nós vamos mostrar um pouco rapidamente, neste 1 ano de trabalho, o que foi possível realizar. Eu insisti, no início da nossa apresentação, nesses pilares. Nós queremos trabalhar com estes princípios. É evidente que é uma empresa privada, é uma instituição que não tem nenhum recurso público e nós insistimos que seja assim, para que ela tenha a sua dimensão e a sua liberdade para atuar fortemente no mercado brasileiro, no mercado internacional, mas estes são os pilares nos quais nos baseamos para fazer essa transição e a construção desse novo modelo: democracia, participação, transparência, modernização num modelo de governança e da ética que nós vamos constituir através do código de ética da CBF e do futebol, que deve ser aprovado brevemente.

A estrutura relativa é apenas uma questão para nós podermos ponderar os elementos ligados a cada um destes significados, mas, evidentemente, tem uma estrutura transversal de funcionamento. Nós, através do trabalho da Ernst & Young, que fez o seu diagnóstico, definimos que a CBF deveria ter uma nova estrutura



organizacional em que houvesse uma separação na sua função de representação através do Presidente, dos Vice-Presidentes e sua atividade administrativa, financeira, do dia a dia, através de uma escolha de um CEO, de um coordenador geral de gestão do sistema administrativo e financeiro. Isso já aconteceu, já foi provado pela diretoria, já foi aprovado pela assembleia geral, já foi aprovado pelo Comitê de Reformas, do qual eu vou falar mais na frente, mas que dá, neste momento, à CBF, um modelo ágil, dinâmico e absolutamente transparente das suas realizações.

Comissão de Ética e Comitê de GRC. Comissão de Ética deverá ser aprovada no mês de junho, julho, agosto no máximo, através da elaboração de um Código de Ética que está sendo discutido por todos aqueles que quiseram contribuir através de um *hotsite* que o nosso sistema de comunicação de redes sociais instalou e que terá todos os elementos para que possamos ter o acompanhamento daquilo que os dirigentes, aqueles que são os protagonistas do futebol brasileiro, terão que se comprometer e se responsabilizar para cumprir as suas funções.

Esse Código de Ética e a Comissão de Ética deverão ser aprovados nos próximos 3 meses — e o Comitê de Governança, risco e *compliance*, que é a orientação moderna de estrutura de funcionamento a qual hoje nós estamos vinculados.

Comissão Nacional de Clubes foi pela primeira vez criada dentro da CBF com representação da série A, B e C para dar uma autonomia de organização, de funcionamento e deliberação aos clubes brasileiros.

Interatividade com o público, do que eu falo mais à frente, abrindo a estrutura de informação e de contato, através das redes sociais, para que tenhamos um compartilhamento de informação e de decisão que vá além inclusive dos que atuam diretamente no futebol brasileiro.

Ainda sobre a questão da democracia, hoje nós temos 13 milhões de seguidores nas redes sociais e 15 milhões de acesso no *site*. Essas pessoas nos acompanham diariamente, diuturnamente, 24 horas do dia. E que queremos ampliar muito mais esse número. Pesquisas revelam que mais de 150 milhões de brasileiros têm alguma relação com o futebol, uma relação muito estreita, de acompanhamento intenso e preciso, ou uma relação um pouco mais distante. Mas o futebol ainda é, e



continuará sendo no futuro, na minha avaliação, um elemento cultural, um elemento fundamental para a formação da cidadania e dos compromissos civilizatórios do nosso País. Portanto, queremos ampliar muito esse contato com a sociedade, através das redes sociais.

Avançando nesse parâmetro, nós estamos construindo um modelo — tenho conversado com alguns Deputados — que temos chamado de “CBF Social”. Nós nunca tivemos, digamos, um trabalho preciso e nacional na área da responsabilidade social. Isso também está na nossa estrutura organizacional nova.

Estamos também concebendo um novo modelo de escolinha de base para o futebol brasileiro, com as características do nosso País: de criatividade, de poesia, de arte, de elegância, de ginga, de música, de capoeira. Tudo isso é admirado no mundo inteiro, mas nunca teve uma escolinha, desde os 6 anos, para que meninos e meninas pudessem ter a sua formação, seja de cidadão, seja de jogador profissional. Isso nós estamos concebendo. O modelo ficará pronto no mês de junho. Vamos instalar o projeto piloto no Estado de Goiás, com acompanhamento do Governador e da Secretária de Educação do Estado, Raquel Teixeira, que foi nossa companheira aqui. Vamos implantar o modelo na escola pública, desenvolvê-lo nas áreas comunitárias — conversei sobre isso hoje com o Deputado Goulart —, para que ele dê uma base estrutural ao nosso futebol e não contemos apenas com a nossa vocação, nossa característica natural, reconhecida internacionalmente.

Na área de sustentabilidade, nós formatamos a primeira copa de futebol sustentável do mundo. Introduzimos compensação para emissões de carbono através de plantação de árvores, troca de garrafas PET por ingressos, para estimular o cidadão a comparecer aos estádios sem ter que necessariamente desembolsar recurso, concurso nas escolas públicas com o tema “carbono zero”. Ou seja, a sustentabilidade passou a ser um tema estratégico, não apenas na Copa Verde, que representa os Estados amazônicos e os Estados pantaneiros, mas também como prática de todos no nosso futebol, uma metodologia que vamos recomendar à CONMEBOL e à FIFA como experiência de vanguarda do futebol brasileiro.

Acabamos de realizar um grande congresso de futebol, a Semana do Futebol, na CBF, com a participação de 12 representantes de experiências internacionais.



Houve campanhas sociais contra o racismo, como a *Somos Iguais*, entre uma série de outras. Enfim, demandas particularmente da área da saúde e da área dos direitos humanos estão sendo incorporadas ao nosso futebol.

Eu vou ser mais rápido, porque imagino que meu tempo esteja próximo do fim.

Na área social, todas as atividades de encerramento dos campeonatos ou quando há presença da Seleção Brasileira nos Estados nós estamos incorporando em grandes atividades da vida comunitária, principalmente nas áreas de grande fragilidade social, para tentar usar a experiência do futebol como uma alavanca de transformação da nossa realidade. São muitas as promoções. Esta prática se iniciou há alguns meses e eu acredito que ela vá ser de grande valia, numa parceria com Governos Estaduais e Municipais.

Este é um dado importante, que a área de registros me pediu para lembrar. Hoje, todo jogador brasileiro tem um seguro de vida. Ele se inscreve no registro da CBF, que hoje tem um sistema de *compliance* absolutamente rigoroso, sem quebra-galho, sem carteirada. Só pode ser registrado quem estiver absolutamente dentro dos conformes. Não há participação de intermediários, como recomenda a FIFA. Essa prática já foi introduzida pela CBF. Nós decidimos custear seguros de vida para os hoje 10 mil jogadores profissionalizados do nosso País.

Alguns exemplos da Copa Verde. Acabamos de encerrar, aqui em Brasília, no Gama, a Copa Verde, numa final entre Gama e Paysandu. Trocamos 13 mil ingressos por quase 2 mil quilos de garrafas PET. E o Governo de São Paulo se comprometeu a plantar 1.122 árvores nas nascentes da Cantareira para compensar as emissões de carbono derivadas principalmente do transporte aéreo das delegações durante os jogos da Copa Verde. Esta é a primeira competição sustentável do mundo, portanto um exemplo positivo para a COP 21, realizada em Paris, momento em que a preservação ambiental toma significado mais relevante.

*(Exibição de vídeo.)*

**O SR. WALTER FELDMAN** - Este é um dado importante. Nós estamos introduzindo aqui experiências positivas, particularmente da Europa, dos Estados Unidos (da NBA, da NFL), estruturas de *marketing* que incluem o hino, a entrada, uma estrutura de limpeza do campo, para vendermos esse produto



internacionalmente. Enfim, uma série de instrumentos de visualização positiva do nosso futebol começam a ser introduzidos.

Os senhores já viram que, no Brasileirão, pela primeira vez fizemos uma abertura oficial. E estamos fazendo também um acompanhamento muito rigoroso do campo, que é o que muitas vezes impede a venda dos nossos campeonatos no mercado internacional.

Bom, há uma análise de todas as entidades ligadas ao esporte, particularmente ao futebol. Quatro elementos são fundamentais para que elas sejam consideradas instituições aprovadas pela ONG que visualiza e analisa a transparência. São elas: demonstrativo financeiro mais transparente, o que já está em prática não apenas na CBF, como também em todas as nossas federações; uma recomendação, uma determinação da CBF para as 27 federações brasileiras; relatório anual de gestão, que poucas entidades do mundo fazem, e a CBF já implantou, há poucos dias; o Código de Ética; e a nova estrutura organizacional.

Só 11 países no mundo, entidades de futebol de 11 países, observam esses quatro itens em pleno vigor. O Brasil, através da CBF, será o 12º país a ter essa experiência, que é o que de mais moderno e transparente existe para o acompanhamento das nossas atividades pela sociedade.

Nós publicamos o Estatuto. Essa era uma demanda de toda a população. E, mais do que isso, ele está no *site* da CBF e já está passando por um processo importante de revisão. Devemos brevemente aprovar o novo Estatuto da CBF, do nosso futebol. O Portal da Transparência reúne tudo o que realizamos e deve ser de conhecimento de todos.

Isto vai ser muito importante e é fundamental que os senhores conheçam. Na linha da modernização, em 2002 a UEFA implantou o sistema de licenciamento de clubes. O que significa isso? Só pode ser clube profissional na Europa quem tiver muito bem estruturada a sua área financeira, jurídica, administrativa e de infraestrutura, além, evidentemente, da área esportiva. O clube de futebol que não tiver esses elementos de maneira moderna, precisa e atualizada não recebe a “superlicença”, numa comparação com o corredor de Fórmula 1. Nós vamos, a partir deste ano — a UEFA demorou 4 anos para implantar, desde 2002 —, começar a orientar os clubes, primeiramente da Série A, depois da Série B e,



progressivamente, das Séries C e D, quando nós já estivermos bastante adestrados, para que só possa ter a licença de participação nos campeonatos brasileiros o clube que tiver a licença autorizada todos os anos. Isso significa *fair-play* financeiro, *fair-play* trabalhista, estrutura de funcionamento dos centros de treinamento, acompanhamento preciso na área de formação de base... Ou o futebol brasileiro se profissionaliza, ou perde, de maneira mais agressiva, o mercado a que nós temos direito e que temos necessidade de assumir, com capacidade de disputar o mercado internacional. Essa é uma decisão importante.

A área de Registro e Transferência passa a ser uma diretoria de Licenciamento. A UEFA tem centenas de profissionais trabalhando nessa área, que é a área de supervisão dos nossos clubes. Ela começa a ser implantada no ano 2016.

Pela primeira vez, nós temos um sistema de acompanhamento na área de saúde. Hoje, temos protocolos para praticamente todos os ocorridos em campo, para que haja um comprometimento do técnico, da comissão técnica e dos próprios jogadores e as lesões sejam respeitadas do ponto de vista dos seus desdobramentos, da sua evolução. Mesmo que o técnico queira manter um jogador em campo, o médico tem autoridade para retirá-lo, para que a lesão não se complique. Exemplo: uma concussão cerebral — um filme americano mostra isso, particularmente na área do futebol americano — que não necessariamente leva a uma mudança de comportamento imediato pode ser muito grave. Só um médico tem capacidade e competência para decidir sobre a saída do jogador ou sua permanência em campo. Então, hoje nós temos todo um sistema de protocolo de lesões, na área ortopédica, na área neurocirúrgica, para que sejam tratados com mais cuidado com os nossos profissionais.

Avaliação de atletas. Quando da apresentação do trabalho, vem sendo feita pela comissão da Seleção Brasileira. Os senhores vão acompanhar mais de perto como cada jogador é convocado hoje, qual é a metodologia científica seguida, quais são os parâmetros, os indicadores. Ou seja, o acompanhamento científico de todas as decisões do futebol tem que ser um elemento determinante, não apenas na nossa prática intuitiva, na competência da comissão técnica, mas também nas



informações, que, do ponto de vista científico, são cada vez mais complexas e mais necessárias.

E estamos fazendo um sistema de cadastro de escolinhas de futebol no Brasil. Há milhares. Nós queremos que elas tenham um certo rigor de metodologia, para que não usem métodos errados, inadequados do ponto de vista do repertório muscular, para as nossas crianças.

É importante lembrar também, Sr. Presidente e Sr. Relator, que a questão científica tem para nós um peso cada vez maior.

Estamos avançando muito também na questão da ética e da transparência, com funções de controle interno e orientação da Ernst e Young. Toda a nossa estrutura começa a adotar esses elementos.

Lançamento do Código de Ética.

Aprovação da comissão do canal de ética.

O trabalho do Comitê de Reformas os senhores acompanharam pela imprensa. Quando nós encerramos o diagnóstico da Ernst e Young, resolvemos que as decisões a partir daí deveriam ser tomadas não apenas pela direção da CBF, mas por um amplo comitê, que representasse os treinadores, os atletas, os campeões do mundo, os árbitros, enfim, aqueles que militam diariamente nas federações e nos clubes. O Comitê de Reformas vem tomando decisões estratégicas para o nosso futebol. No mês de junho, devemos tomar decisões importantes sobre o calendário, sobre o Código de Ética, sobre o futebol feminino, sobre as normas de licenciamento, sobre uma série de aspectos, decisões que, na nossa avaliação, só poderiam ser tomadas por um congresso, por um colégio muito mais amplo do que a direção da CBF. Isso foi decidido, através de uma resolução, pelo Presidente Nunes, quando ele estava à frente da nossa instituição. O Comitê de Reformas continua funcionando, com 18 membros.

Vamos em frente.

*(Exibição de vídeo.)*

**O SR. WALTER FELDMAN** - Nós já fizemos dezenas de reuniões, com participação intensa nesse Comitê, que foi instaurado no dia 18 de fevereiro, com 18 membros, mais 60 membros nos grupos de trabalho. Cada tema forma um grupo de trabalho e é colocado em discussão. Depois são apresentados os relatórios. Nós



tivemos 15 mil visitas ao *hotsite* e recebemos 700 sugestões para melhoria do nosso futebol, a partir dos itens lançados ao debate.

Nós iremos tomar no mês de junho grandes e importantes decisões, que, reitero, não são decisões de caráter interno, da direção da CBF, e sim decisões tomadas após intensa participação tanto daqueles que militam na área no dia a dia, quanto de pessoas que apresentaram suas ideias e sugestões.

Este é o Comitê. Ele está aberto à participação dos Srs. Deputados que puderem dar a sua contribuição. Nós vamos apresentar um relatório integral daquilo que estamos realizando.

Os próximos passos são: a continuidade do nosso Comitê, que deve funcionar até o final do ano, com a conclusão dos itens pautados; uma enorme gestão de portfólios e projetos, parte dos quais foi aqui apresentada, mas outros tantos espero que sejam sugeridos por esta Comissão Parlamentar de Inquérito e pela Comissão Permanente do Esporte aqui da Casa; a aprovação do Código de Ética e a estruturação do canal de ética, que deve ser aprovado nos próximos dias; o avanço no Estatuto Social; e o fortalecimento do ambiente de controles internos, para que tenhamos cada vez mais segurança em relação às decisões tomadas.

É esta, Sr. Presidente, a rápida apresentação daquilo que nós vimos realizando.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Eu pergunto ao nosso convidado se ele tem mais alguma colocação a fazer.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Sr. Presidente, poderíamos aprofundar cada tema desses, mas isso iria reduzir a participação dos nossos queridos colegas e amigos Deputados, reduziria o nosso tempo para intervenções, esclarecimento de dúvidas e questionamentos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Muito bem, então eu concedo a palavra ao Relator e autor do requerimento, o Deputado Fernando Monteiro.

**O SR. DEPUTADO FERNANDO MONTEIRO** - Boa tarde, Presidente. Boa tarde, Sr. Walter Feldman, a quem eu inicialmente já agradeço a vinda aqui para contribuir para o nosso relatório.



No momento de suas palavras, alguns colegas questionaram — Deputado Hélio Leite, eu estou respondendo para V.Exa. — sobre estarmos fugindo do tema do requerimento. Eu, por ter trabalhado na Casa e por respeitar muito a assessoria técnica da Casa, faço meus requerimentos baseado no que a assessoria técnica me passa. É importante que todo requerimento que venha a ser apresentado aqui passe pela assessoria técnica da Casa. Por isso, sempre puxamos o tema final, que é a máfia do futebol.

Desde o primeiro dia, quando eu apresentei aqui o relatório, um trabalho que foi aprovado por todos aqui... Eu tinha feito exatamente as sugestões do que eu queria ver no relatório, porque um dos motivos de este caso da FIFA não ter entrado na Justiça brasileira é no Brasil não ser crime a corrupção de ente privado. Uma batalha que vai ser incansável desta CPI é a batalha para deixar este legado, o legado de que a corrupção privada também seja crime no Brasil.

Então, eu apresento um plano de trabalho. No momento em que nós estamos discutindo com o Governo americano, com o departamento americano, sobre as informações a serem passadas e pedimos aos Deputados da Comissão que enviem perguntas, e apenas três Deputados enviam suas perguntas, para serem traduzidas... A gente precisa trabalhar mais nisso.

Eu penso sempre no futuro, porque quem olha sempre pelo retrovisor bate o carro. Eu ando olhando para a frente, e daqui para a frente temos que mudar a cara do futebol brasileiro.

Eu acredito que esta palestra do Walter Feldman nos traz alguns conhecimentos. Precisamos melhorar a nossa legislação. Essa parte da corrupção privada, principalmente... Vocês vão me ouvir falar nisto em toda reunião, porque para mim esse é o principal crime. As pessoas que estão supostamente citadas no Brasil estão impunes, porque aqui não existe esse tipo de corrupção. No momento, ele só existe nos Estados Unidos e na Suíça, por isso a operação foi feita lá. Eu estou trabalhando isso aqui porque esse é um legado fica.

A CPI tem um escopo pequeno. Fala de três, quatro ou cinco pessoas, até então, entre as quais duas ou três estão presas já. Querer passar por cima disso... Eu acho que o legado que a CPI deixa, não só para o futebol brasileiro, mas para o



Brasil, no momento em que a gente está passando a limpo, varrendo as coisas erradas, é exatamente este: deixar uma lei.

Não sei se alguns aqui se lembram, Presidente Laudio Carvalho, de que a lei da delação premiada, ou colaboração premiada, veio de uma sugestão da CPI dos Correios. Quer dizer, tudo isso que nós estamos hoje passando a limpo — todo dia uma novidade — veio de uma CPI que muitos disseram que terminou em *pizza*, mas que hoje mostra resultados.

Esta CPI não vai ser diferente. Esta CPI é responsável. Eu disse desde o primeiro dia e repito sempre que não irei macular a imagem de ninguém aqui nesta CPI. E quero aqui deixar claro que esta colaboração que o Sr. Walter Feldman trouxe à CPI, ela é importante para o legado que nós vamos deixar. E sim, quando nós formos aos Estados Unidos e tivermos acesso aos documentos, quando entendermos como funciona a CBF, onde está a CBF e se e como está ligada a esse problema da FIFA, a gente precisa ter argumento para perguntar, a gente precisa ter subsídio para perguntar, para não ficar maculando a imagem de ninguém.

Então, a minha resposta primeira é para o senhor, Deputado Hélio Leite. E tenho aqui algumas perguntas para fazer...

**O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE** - Sr. Presidente, eu preciso sair e gostaria de falar com o autor do requerimento o seguinte. Eu estou aqui, eu ajudei a aprovar o requerimento, eu acho que o Dr. Walter é uma pessoa competente, foi Parlamentar. Só que no requerimento de V.Exa. está escrito um assunto, e aqui foi colocado outro, aqui não foi tratado o que V.Exa. requereu que fosse tratado nesta Comissão.

Então, eu acho que houve desvio do assunto desta CPI. Eu acho que foi importante a colocação feita, a explanação foi excelente, mas eu acho que V.Exa. fez um requerimento pedindo um assunto, esta Comissão o aprovou, e está sendo tratado um outro assunto aqui neste momento. Eu acho que é essa a questão. Eu não estou questionando quem está errado, quem tem direito, quem não tem. Eu só acho que a finalidade do seu requerimento não foi tratada nesta Comissão.

Eu peço licença para me retirar, porque eu tenho um compromisso. Eu vim aqui porque eu queria ouvir deste homem tão competente, este Parlamentar, nosso



Diretor, que está fazendo um trabalho excelente, o que ele teria para contribuir com esta Comissão. Quanto ao requerimento, ele não falou de nenhum assunto, mas na explicação ele foi nota 10.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Antes de o querido amigo Deputado Hélio Leite sair, eu queria só falar um pouco sobre as características do requerimento formulado pelo Deputado Fernando Monteiro.

Eu falei um pouquinho na minha apresentação que há uma série de problemas que vêm sendo tratados pelo FBI, pela Comissão de Ética da FIFA, pela CPI do Senado e pela CPI da Câmara, e muito pela imprensa — muito —, eu diria diuturnamente, não é nem diariamente, é diuturnamente. Isso passa uma imagem de que o futebol é apenas isso.

Então, o meu esforço aqui é para mostrar que, apesar disso, nós devemos tratar seriamente, apresentar todos os elementos para responder a problemas do passado e temos também que dar sequencia às atividades do presente.

Eu quero lembrar que esta gestão é a gestão da transição. Não há ainda nenhum elemento em relação às investigações que estão sendo feitas em relação a esses jogos que eu acabei de citar.

Como disse o Presidente Laudívio, há nos contratos, que é um dos itens formulados no requerimento, questões de confidencialidade que não podem ser tratadas, porque é um acordo entre as partes, portanto pode significar, inclusive, o distrato, o cancelamento, o que seria dramático, porque não há hoje fomento no futebol brasileiro sem os recursos desse contrato, tanto dos contratos da *Globo*, que financia integralmente a Série A, em grande parte a Série B, mas grande parte do outro funcionamento do futebol brasileiro, que é a Série D, a C, parte da B, futebol de base, futebol feminino, Copa Verde, vêm exatamente desses contratos da Seleção Brasileira.

Então, isso tem que ser tratado com muito cuidado, respeitando-se a confidencialidade, mas também tendo em vista a dimensão do que isso significa.

Eu, por exemplo, ouvi o depoimento do jornalista Jamil Chade, que aqui esteve, que periodicamente escreve em *O Estadão*, passando uma impressão de um grau de presença na estrutura interna da FIFA que não corresponde à verdade.



Eu vou lhe dar um exemplo: a questão do legado, que foi citado aqui. O legado da FIFA em relação ao futebol brasileiro é com o Brasil, não é com a CBF. Nós temos que construir 15 centros de treinamento, em que se vai praticar a formação de base social, futebol feminino, futebol saudável. Esse é um contrato com o Brasil. Ele foi suspenso por conta dos acontecimentos no futebol mundial.

O que a FIFA nos pede — pede particularmente para mim — o ex-Secretário Markus Kattner, que acabou de sair por denúncia? *“Nós queremos ver se a CBF vem fazendo o que é adequado do ponto de vista do compliance e dos processos de auditoria”*.

Nós temos hoje convicção de que a CBF vem realizando o que há de mais moderno nessa área e vamos à FIFA brevemente para mostrar a eles que é fundamental que esse recurso remanescente e majoritário do legado seja liberado brevemente, por conta dos Estados que não tiveram ainda nenhum benefício pelo ocorrido na Copa do Mundo.

Veio aqui o Sr. Jamil Chade e disse o seguinte: *“Não há confiança da FIFA em relação à CBF”*. Não é verdade, é apenas um demonstrativo e um comparativo de procedimentos, de processos. A hora que demonstrarmos que estamos fazendo isso com qualidade, e à exaustão, os recursos serão totalmente liberados.

Outra coisa, Deputado Hélio Leite, os contratos que nós temos são do passado. Essa gestão não assinou nenhum contrato — nenhum. Nós estamos absolutamente tranquilos, seguros, em relação a isso. O que nós estamos fazendo em relação aos contratos do passado? Todos estão sendo analisados em profundidade pela Diretoria Jurídica e pela Diretoria de Marketing. Então, nós sabemos quais são os adendos, as emendas, aquilo que deve continuar para que possamos dar sequência àquilo que há de mais qualificado no nosso futebol.

Só quero dizer, Deputado, que eu compreendo a sua preocupação. Não é exatamente minha a área de *marketing*, a área jurídica, que acompanha com muito cuidado os contratos, mas nós temos tido, eu diria, relações periódicas e frequentes com todos os patrocinadores da Seleção Brasileira, na minha avaliação, muito satisfeitos com aquilo que a CBF vem realizando.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Deputado Hélio Leite, eu vou devolver a palavra a V.Exa., que está querendo fazer um esclarecimento, mas antes me deixe fazer um esclarecimento também.

Muito se tem falado da questão da confidencialidade dos contratos. Eu devo deixar muito claro que as confidencialidades dos contratos devem ser guardadas com o sigilo pela CPI. Isso está previsto em lei. Portanto, aqueles contratos que tiverem confidencialidade serão mantidos de maneira confidencial por esta CPI, respeitando aquilo que prevê a lei.

O nobre Relator, Deputado Fernando Monteiro, falou exatamente aquilo que eu tenho dito ao longo dos trabalhos desta CPI. Nós não temos nenhum interesse de denegrir a imagem de quem quer que seja. Nós não temos aqui o interesse em sujar a história de um time de futebol, da Confederação Brasileira de Futebol. Nada é nesse sentido. Nós queremos passar a limpo a história do futebol brasileiro. Se há uma caixa-preta, ela tem que ser aberta, ela tem que ser mostrada ao povo. Esse legado tem que ser entregue ao povo brasileiro.

Então, este é o nosso objetivo principal aqui: ouvir todas as pessoas; aquelas que forem convidadas, que aqui compareçam aceitando o nosso convite; as que não forem convidadas e forem convocadas, que a lei seja cumprida, diante dessa convocação.

Deputado Hélio Leite, V.Exa. quer fazer uma consideração?

**O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE** - Eu só queria dizer que eu vim à reunião porque eu vi o requerimento, eu ajudei a aprovar o requerimento do Deputado Fernando Monteiro, que é fundamental.

É evidente que eu vim preparado para ouvir esse assunto. Sem sombra de dúvida, nenhum de nós aqui, nesta Comissão, tem a obrigação de tentar macular a imagem de ninguém, mas também temos a obrigação de apurar os fatos com muita lisura. Temos de ouvir, organizar, pensar, relatar. Eu acho que esse é o nosso papel aqui.

Eu quero agradecer e pedir licença, que eu tenho um compromisso e vou sair, mas agradeço a V.Exa. por me conceder a palavra.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Muito bem. Eu devolvo a palavra ao Relator Fernando Monteiro.



**O SR. DEPUTADO FERNANDO MONTEIRO** - Caro Sr. Walter Feldman, eu tenho aqui algumas perguntas.

Nos contratos de concessão de imagem, o senhor verificou alguma conduta que pode criminalizar o contrato?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Como eu disse, Deputado Fernando, esse é um trabalho que vem sendo realizado pela Diretoria de Marketing e pela Diretoria Jurídica da CBF, mas com muito rigor, com muita excelência no trato administrativo.

É evidente que aquilo que pode ser apurado de equívocos e aquilo que pode ser aperfeiçoado o será, mas em 1 ano que lá estou, Deputado Laudívio, não vi nenhuma caixa-preta — nenhuma! Quando fui convidado pelo Presidente Marco Polo foi exatamente para construir uma gestão com as características éticas e transparentes que o futebol brasileiro merece.

Então, desde que estou lá, Deputado Fernando Monteiro, nada me deixou perplexo em relação àquilo que recebemos, mas os aperfeiçoamentos vêm sendo realizados.

**O SR. DEPUTADO FERNANDO MONTEIRO** - Quanto às reformas, quais medidas eficazes já foram tomadas? O senhor pode citar alguma que, na sua opinião, converge com a prevenção da corrupção dentro da CBF?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Eu acredito, Deputado Fernando, que uma série de itens que foram aqui colocados na nossa apresentação são reveladores disso.

Os senhores e as senhoras já tiveram a oportunidade de acompanhar o boneco, o rascunho que foi proposto para o Código de Ética, inclusive formulado por um colega desta Casa, o Deputado Marcelo Aro. Ele se baseou no que há de mais moderno nos códigos de ética das instituições não apenas esportivas, mas também aquelas que têm uma atividade corporativa. Ou seja, não apenas o dirigente, mas aqueles que têm uma atuação profissional dentro do futebol terão que ter uma postura absolutamente inquestionável, uma lisura nos seus procedimentos. Eu acredito que o Código de Ética será o primeiro elemento que responde a sua questão.

Segundo, a formatação dessa comissão de ética é feita com pessoas que tenham a qualificação, a reputação ilibada, a experiência histórica, já, portanto, sinalizando a contribuição que poderão dar. O canal de denúncia receberá tudo



aquilo que a população como um todo considera como algo que deve ser investigado. Aquilo que vem sendo feito na Comissão de Arbitragem, com transparência absoluta, com auditoria interna, externa, e agora com a possível introdução, por vanguarda do Brasil, do árbitro de vídeo.

Todo o trabalho hoje de formulação financeira é acompanhado por auditoria interna e externa e pelo Conselho Fiscal. Ou seja, um contrato qualquer, seja com terceiros, seja com aqueles que fazem parte da nossa dinâmica, hoje têm um acompanhamento rigoroso e uma prestação de contas necessária, como foi feito no nosso relatório de gestão e nos demonstrativos financeiros.

Eu imagino que estamos muito próximos daquilo que era a demanda quando os escândalos surgiram e que foram inclusive objeto e a causa desses escândalos.

**O SR. DEPUTADO FERNANDO MONTEIRO** - Por fim, quero aqui reforçar o seguinte. Eu fiz um questionamento ao Sr. Jamil Chade que pode ser feito para evitar esquema de propina e suborno quando se fala em direito de *marketing* de futebol, em direito de jogos. Qual é o interesse da CBF em combater esses esquemas? Quais mudanças o senhor, que foi Parlamentar, poderia sugerir na legislação brasileira para exatamente coibir essas questões, ver em que sentido isso pode realmente acabar? Como o senhor disse, está maculada a imagem do Brasil lá fora. O senhor falou que é problema do Brasil; o Sr. Jamil Chade fala que é da CBF. Complementando meu questionamento, o COL ainda existe?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Ele está em fase final, ele está encerrando suas atividades. Por conta dos milhares de contratos, eu diria que é uma função administrativa de encerramento.

**O SR. DEPUTADO FERNANDO MONTEIRO** - E o senhor tem alguma sugestão?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Bom, essa é uma questão central. Ou seja, só lembrando que é uma atividade privada, de caráter público, dada a dimensão do interesse de toda a população, mas eu acredito, Deputado Fernando Monteiro, que os mecanismos estão sendo criados dizem respeito não apenas ao funcionamento da CBF como instituição organizadora do futebol brasileiro, mas também às exigências em cadeia das federações e dos clubes, à área de registros, transferência e licenciamentos.



Nós tínhamos dois regulamentos, hoje nós temos sete. Estamos criando a Câmara de Resolução de Litígios, que também é uma determinação que só neste momento está sendo aplicada com uma intensa representação de todos os segmentos, particularmente dos clubes, dos atletas, que faz com que os elementos de informação da população, da imprensa, das redes sociais, levem um temor adicional, eu diria, relevante, àquele que ainda pense no exercício equivocado, superado, como os acontecimentos nacionais têm demonstrado, de utilização da propina para a conquista de resultados.

Eu diria que hoje isso seria muito perigoso. Eu diria que nós estamos encerrando um período de proeminência dos espertos, daqueles que utilizaram a sua inteligência para produzir o desvio do resultado que deve ser conquistado em campo, pela técnica, pela tática, pela estratégia das comissões técnicas, pela qualidade dos seus profissionais.

Então, eu imagino que nós estamos nos aproximando de um sistema blindado, cada vez mais blindado. Agora, nós sabemos que sempre a esperteza tentará driblar essa estrutura de funcionamento, mas estamos muito próximos. Quando forem implantadas as normas de licenciamento, nos próximos 2 anos, 3 anos, estaremos cada vez mais distantes dessa prática que porventura um dia foi habitual.

**O SR. DEPUTADO FERNANDO MONTEIRO** - Presidente, por enquanto é só. Qualquer coisa, eu retomo no meio.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Eu vou passar a palavra ao Deputado Major Olimpio, seguindo aqui a inscrição para debates, mas antes, Deputado Major Olimpio, só pedindo a sua licença, gostaria de fazer uma pergunta ao Sr. Walter Feldman. Eu acho que até é uma pergunta sobre algo que o povo brasileiro tem curiosidade.

Como é que a CBF faz para convocar os jogadores da Seleção Brasileira? Quais são os critérios utilizados?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Presidente Laudivio, eu queria convidá-lo para visitar a CBF. O senhor vai ficar impressionado com o trabalho de investigação técnico-científica em relação a todos os jogadores brasileiros dentro e fora do País convocáveis. Nós temos uma lista de indicadores, cada jogador tem lá as suas



características de força, de velocidade, de musculatura; temos vídeos específicos sobre as suas características em campo. E nós sabemos, de acordo com a estruturação técnica formulada pelo Dunga e pela Comissão Técnica, aquele jogador que mais bem se enquadra. É muito provável que, se nós tivéssemos um conjunto de analistas críticos sobre a convocação, baseados nessa qualificação, possivelmente não seriam convocados atletas diferentes daqueles que o Dunga está convocando neste momento.

Ou seja, antigamente, havia uma imagem de que o técnico ficava em casa, e passava pela sua cabeça alguém que está jogando bem. E se falava: “*Bom, traz esse aí, que é bom*”. Existe hoje um sistema de *scouting*. Quando nós chegamos à CBF, havia um *scout*, que é aquele que fica analisando a existência de jogadores na estrutura de funcionamento.

**O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO** - Olheiro.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Olheiro, o antigo olheiro, chamado tecnicamente de *scout*. Hoje nós temos oito. Todos eles fazem a sua análise independentemente de os jogadores estarem sendo investigados para a convocação. Essa análise tem um cruzamento, da qual participam apenas algumas figuras da Comissão Técnica. E aí nós caímos exatamente naquele que seria provavelmente o convocado daquela posição.

Então, eu diria que hoje a introdução de elementos científicos, particularmente na Seleção, é algo muito avançado, tão avançado que ontem eu conversava com parte da nossa área técnica, que tem uma atividade acadêmica intensa, da necessidade de uma reunião entre a Comissão Técnica e aquilo que se produz cientificamente na chamada atividade esportiva brasileira — nas universidades brasileiras, nas academias, nos grandes hospitais — em relação à produção da análise de movimentos. É muito provável que nós já estejamos muito atualizados, utilizando os instrumentos mais modernos para análise, convocação e acompanhamento dos jogadores que são chamados para a Seleção.

Eu queria fazer um convite oficial para que uma comissão da Comissão Parlamentar de Inquérito, bem como da Comissão do Esporte, visite-nos para ter a ciência *in loco* daquilo que nós estamos realizando. Eu queria fazer, formular este convite oficial ao Sr. Presidente, em nome de todos os membros desta CPI.



**O SR. DEPUTADO WILSON FILHO** - Sr. Presidente...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Pois não.

**O SR. DEPUTADO WILSON FILHO** - Eu apenas gostaria, no momento em que cumprimento a todos, de dizer que eu tenho interesse de ir à CBF junto com esta CPI, até porque boa parte da apresentação feita pelo Secretário-Geral e algumas das respostas que muitos membros desta CPI gostariam de ter, assim como o Relator as fez em torno de questionamentos, poderiam ser alcançadas na ida à CBF. Então, eu gostaria de ser um membro desta CPI na visita à CBF.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Eu vou até solicitar à Secretaria da nossa Comissão que recolha, então, o nome dos Deputados que tenham interesse de fazer uma visita à CBF, o que é bem democrático. Vamos colocar esses nomes. Essa visita, então, será feita, depois do convite que o Sr. Walter Feldman acaba de fazer a esta CPI.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Sr. Presidente, eu queria fazer apenas um comentário, só aproveitando a sua intervenção. Na minha avaliação, eu posso cometer um equívoco, um deslize, mas a vida parlamentar permite isso também, vai por conta da minha sinceridade. Há, na verdade, três CBFs, na minha opinião. Há uma CBF Seleção Brasileira, conhecida internacionalmente, respeitada, querida, admirada, a única do mundo que teve cinco títulos e uma quantidade gigantesca de outras homenagens e reconhecimentos. Essa é muito identificada com a história do Brasil. O grau de civilidade, o grau da nossa paixão, o grau do nosso encantamento, quando cantado o Hino Nacional, nós devemos muito à Seleção Brasileira. E nós teremos ainda muito orgulho dela.

Há uma outra CBF que é a CBF traduzida quase que rotineiramente nas notícias, que tratam prioritariamente da questão da representação e que têm uma lógica que é, inclusive, levada a uma parte de setores da opinião pública como patrulha, que tem que se falar mal da CBF. Não se pode falar bem, mesmo que ela acerte, mesmo que ela caminhe no sentido da construção da instituição com que nós sonhamos.

E há uma terceira CBF que é exatamente essa que eu convido os senhores para visitar. Tenho certeza de que os senhores sairão do nosso prédio, no Rio de Janeiro, na Barra da Tijuca, impressionados com aquilo que identificarão lá, que



espero seja feito através da própria análise dos senhores, não apenas da minha formulação e da minha presença aqui nesta reunião.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Com a palavra o Deputado Major Olimpio.

**O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO** - Sr. Presidente, Sr. Relator, Srs. Deputados, nosso ilustre convidado e sempre Deputado, Walter Feldman, em primeiro lugar, quero dizer da minha preocupação, como alguém que colocou o nome para compor esta CPI. E me causa preocupação não só, como disse o nosso Relator, talvez a nossa pouca contribuição até então, ou talvez o conteúdo que tem chegado a esta CPI através de expositores, ou eventualmente alguma documentação, mas também a possibilidade de ser mais uma CPI para não acabar em nada, para não deixar legado nenhum.

Tenho admiração pessoal e política pelo Walter Feldman, pelo Parlamentar que foi...

**O SR. WALTER FELDMAN** - É recíproco.

**O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO** -...pelo Secretário que foi no Município de São Paulo. E me causou até preocupação quando vi o senhor virar Secretário-Geral da CBF. Acho que isso arranha a sua biografia e a sua história. O senhor está, literalmente, no sacrifício por uma entidade, por pessoas que não merecem. É a minha visão, e eu acredito que uma boa parte da população brasileira, a esmagadora maioria a acompanha.

Sr. Relator, quero até usar um trecho do requerimento de V.Exa. neste convite ao Sr. Walter Feldman:

*“Suposto esquema de corrupção na negociação dos direitos de transmissão da Copa do Brasil, torneio organizado pela Confederação Brasileira de Futebol, em que a empresa Traffic teria pago a José Maria Marin e outros dois dirigentes R\$ 2 milhões por ano pelos direitos de transmissão do campeonato.”*

Outro item que V.Exa., Relator, colocou no documento que foi aprovado:



*“Suspeitas de suborno pago por executivos de marketing esportivo a dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol, referente à:*

*Comercialização de direitos de mídia e marketing de partidas da Seleção Brasileira de Futebol e de torneios organizados da entidade;*

*Suspeita de suborno em contratos relacionados à organização da Copa das Confederação FIFA 2013 e Copa do Mundo FIFA 2014.”*

E está dizendo até ao nosso convidado: *“A sua colaboração, certamente, trará elementos essenciais à condução dos trabalhos que serão levados a efeito por esta Comissão Especial (...)”*

Com todo o respeito às considerações de V.Exa., e falando até de um futuro que esperamos realmente que possa ser promissor à CBF, Sr. Relator, neste momento, uma CPI, ela serve justamente para olhar o retrovisor. São os crimes praticados, é a sujeira, é a vergonha para nós todos, que não foi uma vergonha dentro do campo, não; foi vergonha dentro do campo e vergonha fora do campo.

Mas eu gostaria de deixar algumas considerações para que o nosso convidado eventualmente as comentasse.

Ele até falou que a Ernst & Young, uma consultoria, foi contratada justamente para fazer uma avaliação diagnóstica, traçar um perfil de governança corporativa da CBF. Mas eu até perguntaria o seguinte. Historicamente, o Vice-Presidente da CBF não era remunerado e só eram custeadas as viagens; hoje, tem salário igual ao do Presidente, tem helicóptero, tem avião, tem gastos corporativos. A Ernst & Young achou absolutamente normal, dentro de uma governança corporativa, esse tipo de coisa?

Um segundo questionamento: a CBF fatura R\$ 600 milhões por ano; não gasta com jogadores, não gasta com viagens, e 80% das suas receitas, em tese, iriam para as federações, se é que chegam. Gostaria que V.Sa. pudesse, aqui, para esta CPI, discriminar o destino de R\$ 600 milhões. Nós até estamos dizendo a preocupação de todos. V.Sa. até falou como um gestor hoje: *“Não podemos sujar o nome do CBF”*. Não é possível sujar mais do que já está sujo, internacionalmente,



nacionalmente. Quem está respondendo pela Seleção não pode acompanhar a Seleção, senão é preso em outro país; se entrar nos Estados Unidos, é preso. É uma vergonha nacional para nós. Não foi só o 7 a 1 com a Alemanha dentro do campo, não; talvez o resultado mais pernicioso esteja acontecendo fora do campo.

Essa questão em relação especificamente ao requerimento que citava José Maria Marin e mais dois é objeto desta CPI. Se nós não falarmos disso, aí nós não estamos tratando de nada.

E aí faço um questionamento ao senhor, que está pensando o futuro da CBF. É possível se apresentar realmente, e haver um convencimento do mundo? A mim não me convence que esses pilares basilares de uma nova governança terminem com ética quando se mantém o mesmo Presidente, a mesma estrutura podre. Pode mudar, fazer um novo Código de Ética, o Deputado Marcelo Aro pode ter colaborado, mas a estrutura está carcomida. Ela é podre! Então, esses componentes acabam sendo motivo de gozação nacional: “A CBF falando em ética!”. Esse é o último pilar que foi apresentado: transparência.

Nós temos uma preocupação: “*Todo mundo sabe, mas não pode dizer: como é que os presidentes das federações podem estar na mão?*” “*Ah, é que eles recebem um mensalão da CBF, de 80 mil reais, de 100 mil reais*”. Como é que é esse negócio? Isso acontece? Não acontece? Como é que são feitas as votações para lá?

Então, nós sabemos, talvez estimulados, talvez só pelo lado negativo, talvez pautado pela mídia o lado negativo, e a nossa tendência de ver o erro e não o acerto, mas gostaria que V.Sa. pudesse falar realmente se nós temos uma expectativa, com tudo que eu vi apresentado e com muita capacidade por V.Sa.. Mas não se consegue fazer isso com a sequência e com quem está administrando o futebol brasileiro hoje.

Ainda se fala ali também nessa questão de modernização, quando o espectro é o de não querer de fato a modernização. A modernização, a transparência e a ética vão procurar exatamente qual é a destinação que é dada exatamente por essa grande empresa, que gera R\$ 600 milhões por ano.

Outra coisa, Sr. Presidente, também fortalecendo o que V.Exa. disse: é preciso ficar claro que há confidencialidade em contratos. Uma CPI tem força de



investigação e ela pode ter dados confidenciais, sim, desde que esses dados não sejam colocados no domínio público, porque senão nós vamos ficar discutindo confidencialidade ou não, e nós não vamos ter o que relatar.

Se simplesmente formos relatar o óbvio, que nós temos que criminalizar conduta de corrupção entre os entes privados, e nós temos que fazê-lo, mas também é falacioso dizer: *“Olha, a CBF é uma entidade eminentemente privada. Nunca se utilizou nem vai se utilizar de nada público”*. Isso é falacioso. Em todas as estruturas governamentais existe o apoio direto ou indireto ao futebol brasileiro. Se tirarem os patrocínios dos bancos públicos, se os tirarem das empresas públicas, como fica a situação de boa parte do futebol brasileiro?

Então, eu agradeço a presença do nosso convidado. Se pudesse, eu até comentaria isso, mas eu gostaria de insistir no tema que o nosso Relator colocou aqui para convite, porque mostramos o lado positivo da CBF — podemos até fazer uma visita para conhecer as instalações, para conhecer essa nova governança —, mas neste momento nós estamos num inquérito, numa Comissão Parlamentar de Inquérito. Gostaríamos muito de ouvir sobre o objeto que V.Exa. colocou no requerimento e que nós aprovamos. Se o objeto fosse simplesmente voltado para ser uma exposição sobre a CBF, eu não estaria aqui; também não teria votado favorável a isso.

Nós estamos numa Comissão Parlamentar de Inquérito. O nosso convidado não é investigado, não é nada disso, não tem o nome citado em nada, mas o que ele representa neste momento é o objeto desta CPI.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Só fazendo uma colocação aqui ao nobre Parlamentar Major Olímpio, a confidencialidade dos contratos tem que ser guardado como sigilo nesta CPI, e em qualquer uma CPI, mas, se houver indício de crime em qualquer contato, esse indício tem que ser investigado. Se houver crime, ele tem que ser investigado. Isso é estabelecido por lei. Então, em havendo confidencialidade em algum contrato, o sigilo será mantido pela CPI, mas, em havendo qualquer indício de crime, esta CPI tem a obrigação legal, moral e ética de apurá-lo.

**O SR. DEPUTADO ROBERTO GÓES** - Sr. Presidente, qual é o artigo?

**O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ** - Art. 85.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Nós vamos fazer o seguinte. Vou passar a palavra ao convidado Walter Feldman, para que ele possa responder ao Deputado Major Olímpio, para seguirmos depois a inscrição para os debates.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Deputado Major Olímpio, também quero refletir aqui a minha admiração pela sua história, pelo seu compromisso com aquilo que acredita e pela sua recente presença aqui na Câmara Federal.

Quero inicialmente dizer o seguinte. Eu, em geral, estou na contramão, faz parte da minha história. Quando nós vivíamos a ditadura militar, eu era comunista — não era fácil. Quando nós estávamos no PMDB, muito bem instalados no Governo do Estado, nós fundamos o PSDB. Quando o PSDB estava em muitos governos, particularmente no nosso, no Estado de São Paulo, eu fui apoiar a Marina Silva. Quando morreu Eduardo Campos, nós iniciamos a campanha da Marina Silva. E, quando eu fui convidado para ir para a CBF, portanto, encerrando o meu ciclo político de 40 anos dedicados à causa pública, eu fui convidado com os seguintes parâmetros.

Quando a Marina estava em alta, na perspectiva real de ser Presidente da República, eu procurei o Presidente Marco Polo e disse o seguinte: *“Aprendi na Secretaria de Esporte de São Paulo que um governo que se presa neste País tem que destinar recursos para o esporte, particularmente o futebol. Então, se a Marina for eleita Presidente, quero dizer que nós vamos fazer uma grande parceria. O esporte brasileiro e particularmente o futebol terão, no nosso eventual governo, uma posição de destaque, porque eu vi isso na cidade de São Paulo. Quando você aplica poucos recursos de maneira adequada no esporte, a qualidade de vida melhora muito, eu diria, radicalmente. Os governantes ainda não entenderam isso”*.

O Marco Polo gostou muito e disse: *“Espero que você tenha um bom destino.”* A Marina não foi eleita; o Aécio não foi eleito. Logo em seguida, o Presidente Marco Polo me fez o convite e disse o seguinte: *“Eu quero que você seja o Secretário-Geral da CBF. Sei que não é fácil, mas eu quero fazer o modelo de transição. Quero construir um futebol e uma instituição que seja democrática, moderna e social, que é um elemento com o qual você se preocupa muito. Você fez isso no São Paulo. Eu gostaria que você fizesse isso na CBF”*. E eu disse: *“Presidente Marco Polo, isso*



*para mim é Beethoven, é música. Eu teria muita alegria de fazer isso, mas, veja, não é fácil eu sair da política e ir para outra instituição privada. Eu nunca estive em nenhuma atividade privada”.*

Pensei muito e falei: “*Eu vou aceitar esse desafio*”, como seguramente o senhor aceitou o desafio de vir para Câmara Federal, com uma imagem não muito positiva que a Câmara tinha naquele período, como a política não tem uma imagem positiva. E não é por conta disso que todos os senhores políticos estão aqui, fazendo o que há de melhor nos seus princípios, nos seus valores e nas suas crenças. É exatamente aquilo que eu estou fazendo lá.

E quero dizer ao Deputado Major Olimpio, que, eu insisto, respeito muito, que neste 1 ano pude fazer tudo que eu sonhava. Tive total liberdade do Presidente Marco Polo, mesmo na sua ausência. Tive o apoio do Presidente Nunes, quando lá esteve. Ele foi folclorizado injustamente por uma parte da sociedade brasileira. É um homem sério que tem uma presença no Estado do Pará, como identifica aqui o Deputado Arnaldo Jordy, e que teve nesse período um trabalho de continuidade daquilo que vinha sendo feito. Hoje, quem dirige administrativamente a CBF é o Rogério Caboclo, o CEO da CBF. É o Diretor Executivo de gestão e planejamento estratégico e tem feito um trabalho brilhante, primoroso, eu diria, com as características éticas que nos fazem honrar o futuro que nós estamos construindo.

Tudo isso recebeu o apoio do Presidente Marco Polo, que foi denunciado desde o primeiro dia até hoje. Não há nenhum elemento de prova contra ele, a não ser uma eventual conversa que não se sabe entre J. Hawilla e Marinho, não se sabe como aconteceu, mas sobre a qual não existe nenhum elemento de comprovação. Temos que respeitar a Constituição. Há direito de defesa; há presunção da inocência. Por que julgá-lo antecipadamente como o Brasil inteiro fez? Ele está condenado sem nunca ter feito, na nossa avaliação até agora, nada que pudesse ter sido equivocado, com tudo isso que se fala diariamente pela imprensa.

Eu estou lá acreditando em algo, porque eu estou vendo dia a dia acontecerem as mudanças que nós estamos fazendo. E vamos ficar fiéis a esse compromisso, na crença de que tudo será demonstrado. O Presidente Marco Polo, acredito, voltará com plenos poderes para poder assumir de maneira completa o seu mandato, algo que não pôde até agora. Foi 1 ano de denúncias, críticas, manchetes,



notícias diárias, com a sua avaliação pessoal que não participou de nenhum processo que fosse ilícito.

É verdadeiro? Nós acreditamos nisso. Acreditamos que essa comprovação será feita. Olhem só, eu tenho 40 anos de vida pública sem nenhuma lista. Eu jogo toda a minha história nessa crença, mas eu acredito nela. Acredito nela, porque estou vendo no dia a dia a transformação acontecer.

Em relação aos contratos, objeto deste requerimento, quero dizer ao Deputado que o novo formato que estamos fazendo — por isso é importante para a CPI também — dá a segurança de que, se houver problemas graves no contrato, como já estamos analisando, esses elementos de transparência e ética nos levarão necessariamente ao encerramento desse diagnóstico. Teremos os instrumentos adicionais, que até então a CBF não tinha, para fazer a conclusão desse processo. Portanto, é parte de um sistema, não está deslocado. Senão, ficaremos o tempo todo discutindo o passado sem nenhum instrumento de construção do presente, o que é grave, porque a bicicleta não para, o futebol continua.

A competitividade hoje com o mercado europeu é brutal e destruidora. E eu me preocupo muito mais com a destruição da cultura das nossas crianças e dos nossos jovens — e falo isso sem nenhum populismo —, que hoje preferem o Barcelona ao Corinthians. Há 380 milhões de torcedores do Barcelona no mundo. Apenas 3% estão na Espanha e o resto no mundo, no Brasil, inclusive, com uma consistência muito grande.

Enquanto isso, nós ficamos o tempo todo discutindo velhos contratos, que foram feitos em gestões anteriores, nas quais essa gestão não teve nenhuma participação. Não é por conta disso que não estamos analisando, mas será que vamos ficar parados nesse tema o tempo todo? Deveríamos estar lá, como um *bunker* na CBF, nos protegendo das críticas e denúncias parados? Não, nós demos sequência a tudo em que acreditamos, demos sequência a tudo que o Marco Polo se comprometeu que faria quando iniciasse a sua gestão.

Eu brinquei uma vez na imprensa dizendo que acreditava que o Marco Polo seria o Tancredo do futebol, ou seja, uma transição para o novo modelo, uma transição que tem ainda as marcas do passado, do qual é originário, mas tem um compromisso com o futuro, que todos nós temos. O Governo Temer hoje talvez seja



uma transição, como foi o Governo Itamar. Por que não reconhecer que nada acontece de novo que não parta do velho? Essa é uma regra biológica, mas é uma regra política também.

Não há uma destruição, eu diria, frontal do passado. Não vamos dizer: “*A partir de agora, tudo é novo*” — como a União Soviética tentou fazer. E olhem no que deu: “*Tudo aquilo faz parte de um passado que repudiamos. Agora não, é tudo novo*”. Esse novo não deu certo. Se nós não recolhermos do passado o que tem de positivo até nos seus erros, não saberemos construir o futuro com que sonhamos.

Digo isso sem nenhum discurso. Não é retórica, é uma crença real de que nós estamos no caminho correto. Tudo isso que foi falado, que faz parte do requerimento, a Copa do Brasil, o *marketing* esportivo, não pensem que passa despercebido, passa por análise. O COL foi dirigido, na prática, pelo Rogério Caboclo. Ele é que foi o gestor de todos os ocorridos no COL, e nós acreditamos na sua gestão. Se erros foram cometidos, o que desconheço, eles serão apurados. As pessoas envolvidas deverão ser notificadas e responsabilizadas, mas não façamos essa acusação e essa condenação *a priori*, que é, o que me parece, acontece hoje de maneira dramática em nosso futebol, comprometendo a nossa reconstrução.

Nós temos contratos pendentes — eu vou dizer sinceramente aos senhores —, contratos pendentes com ex-patrocinadores, com depósitos em juízo, que poderiam reverter recursos extraordinários para fomentar o nosso futebol. Sabem o que os dirigentes dessas instituições falam? “*Vamos esperar a CPI acabar.*” Estou sendo muito sincero. É a primeira vez que eu falo, porque a CPI é uma pendência, a FBA é uma pendência.

**O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES** - Qual CPI: esta ou a do Senado?

**O SR. WALTER FELDMAN** - As duas. São pendências democráticas. Não estou, em hipótese nenhuma, as negando. Mas eu digo: são questões a serem resolvidas para que nós possamos entrar ainda num novo ciclo, porque queremos entrar num novo ciclo. Há uma disposição, há uma vontade, há um desejo. Apenas alguns não desejam. Eu imagino como o Juca Kfourri sofre quando nós anunciamos uma medida positiva para o futebol brasileiro:

*“Como é que pode essa gente horrorosa que está lá? E, se o Secretário-Geral está lá, ele também deve*



*estar contaminado, comprometido, interessado nesses desvios.”*

Eu lhes afirmo que não é este o desejo da CBF. Nós estamos comprometidos com essa mudança e queremos que as Federações façam o mesmo. Queremos, Presidente, Andres Sanchez, que os clubes façam o mesmo. E estão fazendo um esforço enorme para pagar suas dívidas, num erro enorme do Governo anterior e do PROFUT, que leva agora a uma necessidade de revisão, porque, senão, o Campeonato Brasileiro pode estar comprometido por falta de apresentação das certidões.

Hoje de manhã, estivemos com o Ministro Picciani para tratar deste assunto: equívocos ocorridos na formatação da legislação. É algo muito bom o que os senhores estão fazendo na visita que realizaram agora, na formulação de uma nova legislação para o futebol. O que nós estamos propondo? Vamos dar as mãos todos os que acreditam no futebol. Até o Deputado Silvio Torres, o mais ferrenho crítico desse modelo e desse sistema, nos ajude a mudar, porque o futebol faz bem ao Brasil. Nós temos condições de fazer a mudança. E a hora chegou.

O Deputado Major Olimpico falou que 80% ou mais de todos os recursos da Seleção Brasileira, que são recursos da CBF, vão para fomentar o futebol brasileiro. Não existiria...

**O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO** - Isso dá 480 milhões de reais por ano. Está indo para o fomento?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Do ponto de vista da estrutura, sim.

Nós temos um gasto com salários, dentro da CBF, analisado pela Ernst & Young, que corresponde ao mercado privado, numa estrutura que chamamos de terceiro quartil, uma estrutura de empresas que são singulares. Não há nada semelhante à CBF no mercado brasileiro. Portanto, há uma especificidade de funções e atividades dos que trabalham na CBF que, na nossa avaliação, têm que ter o pagamento adequado, que a Ernst & Young considera adequado em relação ao mercado.

Estive ontem em Mato Grosso do Sul, falando com o Governador Azambuja e acompanhando o Presidente da Federação, Francisco Cesário. Se esses recursos da CBF não forem para as Federações, não há campeonatos locais, porque não há



patrocínio local. Isto é um problema. Nós temos grandes patrocinadores, mas o comércio local, a empresa local não patrocina o futebol. Muitas vezes, os times existem por esse recurso repassado pela CBF e por apoio de governos estaduais, como acontece no Pará. O Simão Jatene dá um recurso bom para o Campeonato Paraense. O Azambuja dá para o Campeonato do Mato Grosso do Sul, assim como o Governo do Amapá, porque, senão, o futebol não sobrevive.

Major Olimpio, nós somos do Sul Maravilha. Em Rondônia, Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Tocantins não existiria futebol se não fosse a CBF. Isto é um dado incrível! E, quando muitas vezes propomos uma série de mudanças, aparentemente modernizantes, como copas locais e tal, elas são tidas como visões elitistas. Elas depõem contra o funcionamento de uma comunidade gigantesca de clubes que só funcionam por campeonatos estaduais, com os quais muitos analistas esportivos querem acabar. Querem fazer um Brasileirão o ano inteiro, porque só existem 20 grandes e maravilhosos clubes. E os outros? Sabem quantos clubes profissionais existem em nosso País? Setecentos! São 10 mil jogadores! Não dá para fazer campeonato o ano inteiro. Não há dinheiro suficiente. A CBF já ajuda; teria que ajudar muito mais, a não ser que passemos de 0,2% para 1% do nosso PIB. Aí haverá mais.

Sabe o que existe muito no futebol? Análise superficial, porque todo mundo acha alguma coisa. O Andres falou isso uma vez: *“Todo mundo tem uma opinião”*. *“Ah, eu acho que dá para instalar”*. Esse mês foi lá um membro do Bom Senso, o Chateaubriand, propor um calendário brasileiro totalmente diferente, de 600 clubes. A CBF pagaria 1 ano e, no ano seguinte, não teria... Ele acha legal. É uma boa ideia. Mas quem banca? Quem patrocina?

Dinheiro público a CBF não tem. Não há banco público, não há lei de incentivo, não há absolutamente nada. Os bancos públicos apoiam alguns clubes, alguns clubes. Para mim, é uma visão um pouco elitista, de escolher alguns clubes. Escolhem só aquele que dá a visibilidade, o que não deveria ser uma visão do banco público; deveria ser do banco privado. O público não deveria ter essa visão, mas esse é outro debate.

Então, só quero dizer o seguinte: o recurso que vai para as federações é pouco, proporcionalmente, mas ajuda muito a financiar os campeonatos locais.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Dando continuidade à inscrição para debates, passo a palavra ao Deputado Arnaldo Jordy.

**O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ** - Art. 85, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Deputado Arnaldo Jordy.

**O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ** - Então eu vou embora.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - O senhor fez inscrição, Deputado?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Não vá embora, não, pelo amor de Deus,

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - O Deputado Arnaldo Jordy fez inscrição? (*Pausa.*)

**O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ** - Vou fumar e já volto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Vai fumar e já volta? Então tudo bem.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Eu estou em campanha para o Andres parar de fumar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Deputado Arnaldo Jordy.

**O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY** - V.Exa. é um atleta, Deputado Andres.

Sr. Presidente; Sr. Relator, que se ausentou eventualmente; nosso convidado Walter Feldman, eu queria pontuar três questões que me parecem adequadas para saber a visão de V.Sa. sobre esse momento novo que foi explanado aqui, esse desafio de superação, eu diria, que a CBF está vivendo.

Primeiro, quero dizer que, a exemplo de muitos aqui — acho que o Deputado Major Olimpio versou sobre isso também —, eu tenho a maior admiração por V.Exa., pela sua história, pela sua biografia. Acho que isso credita à instituição que V.Exa. representa uma aura que nos permite avalizar uma série de iniciativas que estão sendo conduzidas nesse desafio de superação. Mas, como todo processo, nós vamos viver um pouco dialeticamente essa contradição entre o velho e o novo. E o velho é realmente muito velho na CBF em todos os aspectos.



Não quero aqui estabelecer nenhum parâmetro sobre o Presidente atual: se está mais comprometido com o velho ou com o novo. Eu acho que a Justiça, os inqueritos, as investigações vão, mais cedo ou mais tarde, se incumbir de resolver esse debate e de dissipar essa dúvida. Mas o que me interessa em particular é esse desafio de superação em favor do novo.

Deputado Walter Feldman, ainda que esteja falando de novos conceitos, de novos paradigmas, as práticas lesivas do passado contaminam o presente e o futuro. O jornalista Jamil Chade, semana passada, nesta mesma sala, nos revelou uma coisa preocupante. Em síntese... Eu não vou ser literal, mas as notas taquigráficas estão aí para todos que queiram e seria importante talvez se disponibilizar o que foi dito aqui. Eu achei muito contundente o que foi dito aqui na semana passada: que a Seleção Brasileira, em seu calendário e em seu preparo enquanto Seleção, depende exclusivamente de contratos e patrocinadores que fazem um calendário que nada tem a ver com os desafios do futebol brasileiro. É a expressão dele, em resumo. Ou seja, a Seleção Brasileira, o escrete canarinho está escravo de interesses alheios ao futebol e à *performance* da Seleção. Ainda citou alguns exemplos, como o jogo realizado na Polônia, transmitido ao Japão, num horário completamente absurdo, que não era de interesse nem do Brasil, pelo menos do técnico da Seleção Brasileira, nem do técnico da Seleção Japonesa, que, salvo melhor juízo de memória, era o Zico. Ele perguntou ao Zico, etc. Está aí o depoimento dele. E citou mais um ou dois exemplos.

Este contrato predatório e, pelo que foi dito aqui, lesivo, profundamente lesivo, aos interesses do futebol brasileiro e da Seleção, por tudo isso que ela representa e que V.Sa. foi brilhante na definição, está vigente até 2022, salvo engano. E ele resume dizendo o seguinte: *“É impossível, com tudo que está acontecendo no mundo, de preparação, — e citou a Alemanha etc. — o Brasil disputar competitivamente, mesmo com todo o naipe de talentos que nós temos”*. Isso é uma coisa que foi dita aqui.

Eu pergunto, primeiro: o que a CBF, dentro desta nova visão — e tenho certeza de que, já pela expressão de V.Sa. durante a formulação da pergunta, não avaliza isso —, está fazendo objetivamente, no sentido de sepultar esses contratos lesivos que versam ao passado e que comprometem o futuro?



Segundo: quais são os mecanismos efetivos de transparência? Eu sei que isso está sendo discutido num dos grupos de trabalho para essa nova formatação do *modus operandi* da instituição. Quando nós vamos poder ter uma CBF com um portal que disponibilize todas as informações, do salário do porteiro até os contratos — que são de interesse do País, pelo que a entidade representa, e não podem ficar numa caixa preta, a não ser aqueles que estejam protegidos por decisões judiciais, por alguma razão absolutamente relevante, que não é a maioria dos casos?

Terceiro: eu concordo com V.Sa. quando diz que não há como...

Nós estivemos agora com a Copa Verde, e quero aqui abriu um parêntese para mais uma vez parabenizar — o que já fiz em outros momentos — V.Sa. e todos aqueles que abrigaram essa ideia do novo conceito da Copa Verde, conceito de sustentabilidade, com funções sociais extremamente importantes, mas nós vimos, por exemplo, na Copa Verde, jogos realizados na Amazônia em que a bandeirinha de escanteio era improvisada com saco plástico colhido na hora junto à torcida e outras coisas do gênero. Realmente, as condições do Sul e Sudeste Maravilha são absolutamente distintas, por exemplo, das condições da Região Centro-Oeste, da Região Norte.

Apesar disso, o campeonato paraense, em 2015, foi o quinto maior público e a quinta maior renda entre os campeonatos de futebol brasileiros, mesmo não tendo nenhum dos seus grandes, como o Remo e o Paysandu, na Série A. Foi o quinto maior público e a sexta maior renda do futebol brasileiro o campeonato paraense, por conta, fundamentalmente, de Remo e Paysandu.

O custo da prática do futebol nesses Estados, na Região Amazônica, inclusive é infinitamente maior. Um jogo em que uma seleção de Manaus tenha que disputar em Belém, ou vice-versa ou em Santarém, mesmo dentro do mesmo Estado, é altíssimo — são caras as passagens de avião, a logística etc.

Eu pergunto: em que peses esses apoios, esses aportes que são fundamentais, V.Sa. não acha que a estrutura dessas Federações, por exemplo, que acabam perpetuando os seus dirigentes, não está superada? O que fazer para renovar isso?

Eu não estou aqui fazendo um juízo valorativo deste ou daquele dirigente. Eu acho que existem dirigentes sérios, mas existem alguns dirigentes que deviam estar



presos, pelo conjunto de informações que nós temos de desvios, de tráfico de influência, de roubalheira, de descontrole, de tudo que se possa imaginar, que hoje não tem mais espaço nos tempos atuais.

Por exemplo, eu lembro o depoimento do Presidente do Flamengo, na Comissão de Esporte, que dizia: *“Olha, no Rio de Janeiro, Flamengo, Botafogo, Fluminense e Vasco respondem por noventa e poucos por cento de renda e de público, e cada um desses quatro clubes tem seis votos — portanto são 24 votos —, num total de 210 votos da Federação”*. Ora, qual é a influência que esses quatro grandes clubes que respondem por este montante de mais de 90% de público, de renda, de tudo, de apelo, têm para influenciar a estrutura de uma Federação com 210 clubes, inclusive o Juliano Moreira, que era daquele hospital de loucos que fechou, mas ficou um clube lá, na Baixada Fluminense? Esse é um exemplo que eu lembro do Presidente do Flamengo na Comissão de Esporte.

Por fim, eu pergunto para V.Exa., com todo o otimismo que nos entusiasma: quando o senhor acha que a CBF voltará a ser efetivamente uma instituição que orgulhe o povo brasileiro? Qual o tempo para que esta consagração dos novos tempos possa sepultar definitivamente essa CBF que envergonha hoje a maioria das pessoas do Brasil, pelo seu passado e muito menos pelo que está sendo feito hoje? Acerca do que se faz hoje, eu renovo os elogios a V.Exa., pelo brilhante trabalho que faz.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Olha, eu quero abrir um parêntese aqui, antes da resposta do Sr. Walter Feldman.

O Deputado Andres Sanchez havia pedido a palavra. Solicitou a palavra e terminou saindo. E a palavra não lhe foi concedida porque eu sigo o Regimento da Casa: ele não é membro da CPI, e, na condição de não-membro, ele só teria direito à palavra após os membros se manifestarem. Por esta razão não lhe concedi a palavra naquele momento.

Sr. Walter Feldman, as perguntas foram feitas pelo Deputado Arnaldo Jordy, mas o nobre Deputado Goulart também tem algumas colocações. Como ele tem um compromisso com horário marcado, fora daqui, eu gostaria de pedir a compreensão dos nobres colegas, dos nobres pares e, inclusive, do nosso convidado, para que ele fizesse a pergunta, e o senhor reunisse todas as respostas, na sequência, por favor.



**O SR. DEPUTADO GOULART** - Obrigado, Sr. Presidente, Deputado Laudívio Carvalho; Relator, Deputado Fernando Monteiro; meu querido amigo Walter Feldman, por quem eu tenho admiração muito grande — não consigo fazer um décimo daquilo que você fez. Como Parlamentar, fomos Vereadores de São Paulo.

O Sr. Walter Feldman falou uma coisa muito importante: temos que acreditar nos desafios.

Nós tivemos uma militância talvez não tão longa quanto a dele, porque eu sou muito mais jovem, mas militamos muito juntos, à época, há 40 anos, e, quando se ouvia no noticiário *Os Líderes Apanharam da Polícia*, no regime militar, sabia-se que um dos espancados era o Walter. Perguntávamos: “Foi o Walter e quem mais? O Feldman e quem mais?” (*Risos.*) Estavam ali o Nataline do lado e alguns outros amigos.

Então, Feldman, na realidade, é preciso realmente acreditar muito para aceitar o desafio que você aceitou.

Há duas pessoas que eu admiro muito: você e Marco Aurélio Cunha, que aceitaram este desafio de ir para a CBF.

Há algumas coisas que eu questiono. Eu, inclusive, fui um dos primeiros a apresentar o pedido da transmissão dos jogos e concordei de imediato e refiz minha solicitação, como outros Deputados já o fizeram, de vir a documentação da CBF, mesmo havendo a confidencialidade.

Eu acredito muito, na CBF, desde que, realmente, como o Jordy disse, que mudem os nomes. Eu me lembro do Farah, do Chedid, do Marin, do Marco Polo, do Teixeira, do Havelange. Então, não sei muito disso. Eles se perpetuaram na CBF, na Federação Paulista.

Evidentemente, eu concordo muito com essa distribuição, sem a qual as Federações de outros Estados não conseguiriam sobreviver.

Mas nós vivemos um momento recente em que sonhávamos ter um dirigente apaixonado pelo futebol como Presidente da CBF, que é o meu Presidente, meu Líder, Andres Sanchez, que foi o melhor Presidente da história do meu clube. Infelizmente, por uma série de motivos, inclusive por uma distribuição acerca da qual um dia eu quero ter clareza — pelo menos o que chegou ao noticiário foi que as Federações sequer assinavam o registro da candidatura do nosso candidato...



Quando se fala no grande gerente, totalmente independente, eu não tenho nada contra o Rogério Caboclo, muito pelo contrário, mas é histórico: a árvore genealógica do Caboclo, o seu pai, tudo, que fazia parte desde as épocas do Farah, do Chedid e tudo o mais. Esteve na CBF, na Federação Paulista e hoje é essa pessoa independente.

Então, são alguns questionamentos. Eu respeito todos os seres humanos e não gosto de agredir com palavras, mas existe uma série de questionamentos... Hoje tivemos a oportunidade de conversar antes da CPI, pela amizade que temos, pelo carinho e o respeito que temos um pelo outro, mas acredito muito no Clube Escola, que foi um lançamento seu na cidade de São Paulo que, infelizmente, essa administração Haddad — “Maldade”, para muitos —, acabou, na cidade de São Paulo.

Então, eu acredito no seguinte: a CBF pode se redimir dos pecados, se redimir dos erros, mas não pode abrir mão do passado. Hoje, os Estados brasileiros, as Prefeituras, padecem nos seus orçamentos. No caso da cidade de São Paulo, 13% do orçamento do Município de São Paulo é para pagar dívida com a União. A última renegociação foi com o Pitta, mas os Prefeitos que sucederam são obrigados, respondem por isso. E a atual gestão da CBF tem que responder pelo que os ex-dirigentes fizeram. E, se fizeram mal, tem que denunciar, tem que colocar o dedo na ferida.

Eu acredito muito, com a presença de pessoas do seu gabarito e de outras pessoas que lá estão, que possa acontecer isso. Caso não aconteça isso e não sejam claros com esta Comissão, o passado de luta, o passado de credibilidade que foi construído ao longo da vida... E também, como você bem disse ao nosso parceiro Deputado Major Olímpio, porque a imagem da Câmara dos Deputados está ruim, muitos de nós, Deputados antigos, que temos um histórico, que nunca nos deixaríamos nos queimar e que trabalhamos adoidado por causa de poucos, somos jogados ao lixo.

Mas eu acho que é muito importante ter clareza e apontar os erros para que nós possamos adquirir credibilidade.

Parabéns pelo trabalho, Walter Feldman.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Muito obrigado, Deputado Goulart.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Arnaldo Jordy) - Obrigado, Deputado.

Com a palavra o Dr. Feldman.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Bom, eu vou primeiro falar ao Deputado Goulart que tem um problema de tempo.

Se nós formos fazer um parâmetro com a política, há quantos anos o Temer está aí na política? E o PSDB? Eu sou um pouco vítima do PSDB em São Paulo. Nós tivemos o período Serra/Alckmin, que, por mais de 2 décadas, não permitiu a construção de novas lideranças.

Então, se nós formos fazer uma relação com os partidos políticos ou com a política em geral, nós vamos ver que há uma continuidade, se não diretamente, através do código genético — muitos que vêm na sucessão.

Eu acho que esse é um problema da democracia muito recente do Brasil ainda. Nós temos velhas estruturas que estão em transição.

Nós entramos na CBF, e a primeira medida do Presidente Marco Polo: *“Vamos acabar com a reeleição ilimitada”*. Decisão dele. Ele poderia, já que o Teixeira ficou 22 anos, o Havelange ficou muitos anos — nem sei quantos —, dizer: *“Eu também tenho direito agora; serve para a próxima”*. Não, serve para a dele também. Então, foi ele que mudou o Estatuto e foi ele que orientou todas as Federações do Brasil a fazerem o mesmo.

Então, eu diria que a democracia apresenta os seus instrumentos de mudança, mas não necessariamente ela acontece. Aconteceu um fato muito interessante com o Presidente da Federação da Paraíba, o Amadeu. Ele propôs a mudança no Estatuto, para uma eleição e uma reeleição, e a oposição negou. Disse: *“Não, não. Não pode mudar esse elemento”*. Por quê? A oposição achava que ia ganhar na próxima e ia ficar o tempo que ela quisesse — a candidata é uma mulher, por sinal.

Eu diria o seguinte: nós temos que ter mecanismos democráticos de transferência de poder. A sucessão natural deve acontecer por escolha da maioria do colégio. Mas quero lembrar também, Goulart, que a CBF é a instituição de estrutura, de colégio eleitoral, mais democrática de todas as Confederações brasileiras. Todas elas só têm o voto do Presidente de Federação. Nós já temos os



clubes da série A, nós teremos os da série B, e não duvido que isso avance, mostrando que é um processo de transição.

Por exemplo, os atletas querem que qualquer um possa ser escolhido. Seria, eu diria, temeroso. Por que faria uma mudança tão radical e construiria uma perspectiva de candidatura a partir de qualquer cidadão? Não sei se é correta uma transição com essas características. Quem está de fora acredita que sim; para quem está de dentro e acompanha a trajetória da instituição parece um pouco bravata: *“Abre tudo, todo mundo pode, não tem cláusula de barreira, qualquer um participa”*. Não me parece ser também o modelo mais adequado.

Então, eu diria o seguinte: quando eu lhe digo que a composição média hoje da CBF é de jovens de cerca de 40 anos é porque está havendo uma transição profunda. Todos são graduados, todos formados em escolas de pós-graduação, escolas de gestão, e, portanto, em condições de fazer a transição.

O Deputado Arnaldo Jordy falou... Cadê o Jordy? *(Pausa.)* Deu uma saidinha. Então, eu vou falar depois.

Eu acho que nós estamos iniciando um novo modelo. Agora, veja bem, Goulart: nós estamos lá há 1 ano. É muito rápido para fazer todas as mudanças que nós imaginamos que podem acontecer, mas, eu diria, num processo, inclusive, de respeito àqueles que são os detentores do poder real. Por exemplo, quando nós definimos que seria inadequado a Diretoria da CBF fazer todas as mudanças, nós montamos o Comitê de Reformas, que é uma estrutura de participação ampla. Nós abrimos um *hotsite* com a participação gigantesca da população. Aí, qualquer cidadão opinava, e muitas manifestações estão sendo incorporadas. As decisões importantes estruturais vão ter que passar pela assembleia da CBF. Ou seja, é uma estrutura que funciona relativamente bem dentro da estrutura corporativa existente na legislação brasileira.

Agora, eu concordo com você: a renovação deve ser cada vez melhor. Eu me sinto um bebê dentro da estrutura do futebol. Quem sou eu para discutir com o Andres Sanchez, com essas figuras históricas do futebol? Mas eu estou correndo atrás, tentando aprimorar e entender o funcionamento dessa coisa tão genial e tão complexa como é o futebol, que é o esporte mais extraordinário do mundo.



Por quê? Por que ele é diferente do futebol americano, do *rugby*, do *badminton*? Porque ele é a vida. É o único esporte absolutamente imprevisível. A vida é imprevisível. Portanto, você gastar uma atividade dessa importância, não apenas econômica, mas intangível, é algo que merece todo o nosso cuidado e toda a nossa atenção.

Nós somos responsáveis pelo passado, sim — você tem muita razão —, mas, para tratar dele, tem que ser sério. O denunciamento, a leviandade, a falta de consistência em todos os que acham que sabem e têm condições de condenar, punir, julgar e banir é algo extraordinário no comentário crítico do nosso futebol. São inacreditáveis as coisas que nós vemos no dia a dia das manifestações. Se nós pudéssemos pegar tudo o que tem de comentário diário e fazer uma análise discriminada, detalhada, nós veríamos que tem muita coisa que não se deveria dizer. Mas é o que o público ouve, muitas vezes, e é o que ele toma como verdade.

Uma vez — foi muito interessante —, na televisão, o crítico da televisão, comentando sobre uma mudança na estrutura do futebol brasileiro, criou um impacto: “*O que aconteceu? Como é que pode uma mudança dessa?*” Aí, no intervalo, foi dito para ele que foi a própria televisão que tinha feito a mudança; não era a CBF. Mas a CBF é a Geni da vez. É politicamente correto bater na CBF, porque parece que tudo o que ela faz é errado. Eu vi isso. Existem setores da imprensa que patrulham aqueles que fazem comentários positivos, porque não faz bem à opinião pública reconhecer, eventualmente, as mudanças estruturais que nós estamos fazendo.

Então, quero dizer que você tem razão. Somos responsáveis pelo passado, mas vamos tratá-lo seriamente. Não dá para jogar na lata do lixo e deixar de reconhecer o positivo que aconteceu e o negativo que deve ser aperfeiçoado.

Em relação àquilo que o Deputado Arnaldo Jordy falou, primeiro, eu queria deixar registrado que essa mudança estruturante da Copa Verde se deve ao Arnaldo Jordy, Deputado Federal do Pará, e se deve ao Presidente Nunes. (*Risos.*) O Jordy chegou outro dia à CBF — ouviu, Deputado Silvio Torres? — e disse o seguinte: “*Copa Verde de verde só tem o nome. Não dá para ter esse título e não ser sustentável, trabalhar pela preservação ambiental*”. Nós nos reunimos com o Presidente Nunes e fizemos uma formatação que vamos levar à FIFA como



paradigma de como o futebol pode ser o instrumento de conscientização ambiental neste momento dramático do aquecimento global.

Então, queria, publicamente, cumprimentar o Deputado Arnaldo Jordy, com quem eu estive, semana passada, no Pará, para fazer uma análise dos resultados da Copa Verde e da preparação da próxima edição. É a primeira coisa a dizer.

Segundo, quero dizer algo aqui de peito aberto: Marco Polo está comprometido com o novo, com o novo. Ele tem alguns conceitos que me parecem, eu diria, exemplares. Primeiro, para que serve a organização do futebol? Sabe para quê, Jordy, segundo Marco Polo? Para produzir justiça. Numa atividade de relevante e permanente conflito, como é o futebol, porque ele vive do conflito, tem que haver justiça. Portanto, o Tribunal de Justiça Desportiva e a arbitragem são essenciais. Esta é visão do Marco Polo. A função primeira das entidades que se organizam é produzir justiça. Segundo, na minha avaliação, é o dirigente brasileiro mais comprometido com a visão nacional do futebol. O futebol tem uma visão bandeirante, tirando aquilo que eles fizeram de extinção de índios, mas essa visão integradora que os bandeirantes fizeram no Brasil para construir as nossas fronteiras.

Muitas vezes — e o Deputado Góes aqui é testemunha —, quem se preocupa mais com o Norte, o Nordeste, o Centro-Oeste é Marco Polo, porque há uma tendência em quase todos de se concentrar na Região Sul.

Eu vou pedir licença aqui, espero que não fique o Marco Polo chateado, mas eu recebi um comunicado do Presidente da Federação de Futebol do Piauí, Cesarino Oliveira, dizendo como ele estava feliz por uma mensagem que recebeu hoje do Presidente Marco Polo:

*“Bom dia, Presidente do Nordeste, do Centro e Centro-Oeste. Tenho certeza que iremos nos igualar ao futebol forte do Sul e Sudeste, a quem me dirijo com um bom dia. Vamos copiar o que é bom deles. É fácil, é só querer. É paz, é inteligência. Vamos gastar menos e qualificar o pouco que podemos fazer. Só assim nos igualaremos a eles. Eu estou fazendo a minha parte.*”



*Em relação à arbitragem, quero preparar dois árbitros de primeira categoria de cada Estado, mas, lembre-se, podemos mais. E assim será o meu sonho: um só Brasil.*

*Acordei com o meu idealismo batendo forte, com uma vontade de aperfeiçoar o futebol do Brasil.”*

Não há nenhum dirigente no Brasil — eu estou lá há 1 ano — que pense o Brasil como um todo como o Presidente Marco Polo. Com tudo isso, ele sofreu e tem sofrido nesse período.

**O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES** - Sr. Presidente, desculpe interromper o nosso convidado. É que eu também tenho que sair. Tenho uma reunião agora da bancada de São Paulo e, infelizmente, não vou poder continuar.

Então, eu não queria deixar de fazer alguma manifestação. Eu só indago se os que estão à minha frente poderiam me dar um tempo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Fernando Monteiro) - Caro Deputado Silvio Torres, a vez agora seria do Deputado Roberto Góes,...

**O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES** - Se o Roberto não se importar...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Fernando Monteiro) - ... mas ele abriu mão para V.Exa.

**O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES** - Obrigado, Deputado Roberto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Fernando Monteiro) - Por favor, pode fazer as perguntas.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Depois eu encerro, Presidente?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Fernando Monteiro) - Desculpe-me! Não tinha encerrado?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Eu termino rápido, então.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Fernando Monteiro) - Eu imaginei que tivesse terminado.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Eu termino rápido. Eu quero dizer isto: nós estamos comprometidos com o novo, e o Presidente Marco Polo é partícipe desse pensamento.



Segundo, Comissão Técnica. Vou dizer algo que eu ouvi do Parreira, ouvi do Felipão, ouvi de outros técnicos mais antigos da Seleção Brasileira e ouvi do Dunga: a Comissão Técnica tem um poder de decisão independente. Ninguém interfere nela, ninguém! Ninguém convoca por ela, ninguém sugere, ninguém propõe esquema tático, ninguém! Nenhum dirigente da CBF tem essa autoridade.

Muito bem! A contratada para produzir jogos da CBF faz sugestões, Deputado Arnaldo Jordy, faz sugestões. É uma contratada que prospecta o mercado internacional, avalia o adversário, avalia o resultado financeiro daquele evento e dá sugestões. Se houver contradições com a Comissão Técnica, isso será dito, de forma independente, pela Comissão Técnica.

Então, essa avaliação do jornalista Jamil Chade vai ao encontro do seu desejo: que é uma bagunça total e que há uma interferência, eu diria, deletéria ao funcionamento e à capacidade de decisão de quem deve decidir pela Seleção e pelo Brasil, que é a Comissão Técnica do nosso futebol. Essa é a resposta que eu teria para lhe oferecer.

Quando teremos tudo? Eu acho que precisamos ter uma gestão. Ou seja, estamos sob fogo cruzado, a CBF é uma Bagdá, a cada dia cai um míssil lá, e nós estamos o tempo todo respondendo, mas estamos trabalhando na crise e respondendo àquilo que é necessário para a modernização do nosso futebol. Eu acho que temos que ter a consecução do nosso mandato de 4 anos, para o qual o Presidente Marco Polo foi eleito.

A Copa Verde tem um pouco essa preocupação de qualificar os estádios, qualificar a logística dos estádios, dar melhores condições financeiras para o funcionamento dos clubes, estimular a presença maior de torcidas, que vão criando o espírito de torcer pelos seus clubes, e não por clubes estrangeiros, e eu diria que a estrutura de federação, Deputado Jordy, está em transição também. As mudanças da CBF repercutem nas federações, repercutem nos clubes, mas é um sistema de vasos comunicantes. Quando nós decidimos por uma eleição e uma reeleição — antes nós tínhamos uma reeleição infinita —, nós recomendamos, no Estatuto da CBF, que as federações façam o mesmo.

Agora eu vou contar o outro lado a V.Exa.: eu fui ontem ao Mato Grosso do Sul e vi que o Presidente da Federação do Mato Grosso do Sul dá dinheiro pessoal



para poder manter o futebol. Ouvi várias vezes que o Presidente da Federação do Maranhão faz o mesmo. Então, existe esse lado também da dificuldade enorme de funcionamento das Séries A, B, C, da base do futebol feminino, para os quais o dinheiro que a CBF encaminha é insuficiente. Tem que haver patrocínio e apoio local.

Quando a CBF voltará a ser? Eu acho que a CBF será o que nunca foi. Tudo isso que eu falei aqui — V.Exa. acho que pegou uma parte — será no decorrer de um período. Imagino que daqui a 3 anos nós teremos uma estrutura de organização no futebol brasileiro que orgulhará a todos nós.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudio Carvalho) - Concedo a palavra ao Deputado Silvio Torres.

**O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES** - Obrigado, Sr. Presidente. Agradeço a presença do nosso convidado.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Eu posso participar da reunião da bancada do PSDB, para onde o senhor está indo também? Ou não? (*Riso.*)

**O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES** - Infelizmente, você não é membro do partido já faz muito tempo, mas poderá participar, como amigo, em qualquer outra oportunidade.

Sr. Presidente, primeiro eu queria dizer que a nossa CPI está instalada para apurar a máfia do futebol. Este foi o nome que se deu, genericamente, a todos os escândalos que foram divulgados, às consequências desses escândalos — prisão de pessoas, destituição de membros da própria FIFA, de membros de entidades no mundo inteiro, especialmente aqui na América do Sul, na América Central —, isso tudo dentro de um processo, de uma investigação que ainda não terminou.

Esta CPI faz parte, de alguma maneira, desse processo. Ela é caudatária disso, é uma consequência disso, é uma resultante disso. Se não tivesse acontecido tudo o que aconteceu, obviamente nós não estaríamos aqui discutindo essas questões, que foram, pelo menos desde o tempo em que eu cheguei aqui, marginalmente discutidas.

O ex-Deputado — sempre Deputado — Walter Feldman expressou-se e fez uma exposição bastante interessante das ideias, do futuro e tal, mas o nosso propósito aqui é ver o passado e o presente. E o passado e o presente apontam na



direção de que o Presidente da CBF está incluído na lista dos investigados pelo FBI e pela FIFA. Isso é um caso concreto, não foi alguém falou ou deixou de falar. Há inclusive depoimentos de autoridades norte-americanas que estão efetivamente buscando o modo de incriminá-lo, e de diversas maneiras. Uma delas é através de delações que já estão sendo feitas tanto pelo J. Hawilla quanto pelo Marin, assim como através da delação do José Margulies, que está em vias de ser julgado agora no mês de junho e, ao que parece, já está delatando também os esquemas dos quais ele participou.

Eu estou dizendo isso porque a nossa CPI não pode ser colocada como empecilho às receitas da CBF, e aqui eu peço vênias ao Deputado Walter Feldman, que disse que há empresas que ainda não estão efetivando a sua cooperação, o seu contrato, por conta das CPIs. Aí nós estamos mudando a causa e a consequência. Pode parecer que esta CPI está atrapalhando, mas acho que é o contrário, ela está ajudando a desvendar, a passar a limpo e a moralizar o futebol brasileiro, que está longe, muito longe de alcançar o que, no discurso, o Deputado Walter Feldman colocou aqui.

A cultura do futebol brasileiro não mudou basicamente em nada. Alguns personagens mudaram, e alguns estão em processo de mudança. A sua adesão ao chamamento do Sr. Marco Polo, provavelmente — aqui não vou colocar em questão —, contribuiu para uma abertura que é efetiva, mas o Deputado Jordy foi bastante comedido quando ele se referiu a quem é que vai pagar essa conta que nós estamos vendo. Não é uma conta qualquer. No Brasil há clubes devendo, somando-se tudo, quase 4 bilhões de reais só para o Governo. Há clubes encalacrados, há clubes quebrando, vendendo jogadores que mal entraram. Não mudou absolutamente nada nos últimos 20 ou 30 anos. Acho que a vantagem é que finalmente há uma iniciativa, de fora, infelizmente, para poder sanear e moralizar essa estrutura.

Não estou aqui fazendo nenhuma acusação específica, Deputado Roberto Góes, às federações, não é essa a questão. Estou falando daquilo que nós todos estamos avaliando ou estamos vendo.

Eu não tenho nenhuma dúvida de que o Sr. Ricardo Teixeira está implicado, nenhuma dúvida de que ele se corrompeu. Não tenho nenhuma dúvida disso, nem



nunca tive, desde que eu relatei aquela CPI, assim como, a esta altura, também não posso ter dúvida de que o Sr. José Maria Marin, que é uma pessoa por quem até já tive uma consideração de amizade, esteja implicado. Tanto é que ele está se submetendo a processo, está assumindo a sua culpa. O envolvimento de ambos já está bastante configurado. E o nome do Marco Polo Del Nero aparece em todas as dúvidas.

Então, enquanto isso não se esclarecer, não há como nós darmos a ele qualquer credo de confiança. Não se trata de ser inocente até que se prove o contrário. Não, eu acho que a situação em que se encontra é uma situação um pouco semelhante à que nós estamos vendo acontecer com a Lava-Jato. As pessoas são delatadas, são denunciadas, todos os argumentos e provas são apresentados, e só não houve um desfecho, mas vai haver, esse desfecho é inexorável. Se o Sr. Marco Polo Del Nero chegar ao final de tudo isso inocente, ele realmente terá contrariado tudo quanto é lógica possível dentro daquilo que está indo contra ele.

Então, eu não venho aqui para desdizê-lo ou desmenti-lo, mas espero que seu otimismo se traduza em realidade. A minha confiança no futebol brasileiro ainda é muito baixa, enquanto não houver uma mudança radical. E essa mudança passa pela condenação do Sr. Ricardo Teixeira e de todos aqueles outros que de um modo ou de outro se associaram a ele.

Eu vi também uma manifestação do senhor falando que o Comitê Organizador Local — COL foi exemplarmente administrado. Eu sinto muito, mas discordo frontalmente. O COL foi montado pelo Ricardo Teixeira, e os componentes eram ele próprio, um advogado da CBF, um outro membro da CBF que não era o Rogério Caboclo e a neta do Havelange, filha do Ricardo Teixeira. Todos, sem nenhuma exceção, trabalharam em conjunto para organizar a Copa do Brasil, com tudo o que ela mostrou de falhas, de corrupção, e são responsáveis. Se o Sr. Rogério Caboclo era quem realmente tocava tudo isso, ele vai acabar sendo responsabilizado, porque em algum momento o COL vai ter que ser cobrado por aquilo que permitiu fazer ou fez por conta própria.

Em 80% ou mais dos novos estádios brasileiros — que, segundo foi prometido pelo COL, pelo Sr. Ricardo Teixeira, seriam todos feitos com recurso



privado — de uma forma ou de outra, foram utilizados recursos públicos. Quase todos eles foram superfaturados, com pouquíssimas exceções. Foram superfaturados, e esse superfaturamento beneficiou esquemas que ainda estão por ser descobertos claramente.

Eu acho que esta CPI, entre outras tantas atribuições que ela pode ter, vai acabar chegando a isso também. O Relator e o Presidente já deixaram claro que tudo o que fosse apurado aqui na CPI que não estivesse contido no próprio termo de constituição dela poderia ser investigado. E acho que nós vamos ter ainda muitas notícias. Brevemente teremos notícias sobre o que vai trazer um pouco mais de luz a essas obscuras tratativas que foram feitas para realizar a Copa no Brasil.

E não tem como a CBF não ser parte integrante disso, não tem como. Eu acho que vai demorar bastante, vai ter que passar uma geração para frente, como na política acontece, mas essa transição, Walter Feldman, não se vai dar no prazo que a sua fala aqui traz para nós todos.

Eu não quero ficar me alongando, Sr. Presidente. Peço desculpas se nem vou ouvir a sua resposta — vou tentar ficar mais um tempo —, mas quero dizer que a nossa CPI existe porque aconteceram todos os descalabros que aconteceram. Ela não foi imaginada pelo Deputado João Derly e por aqueles outros que a apoiaram apenas para perseguir alguém, longe disso. A intenção foi tentar mostrar ao povo brasileiro que na Câmara dos Deputados há pessoas preocupadas em moralizar também o futebol brasileiro.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Queria agradecer a participação e a intervenção do Deputado Silvio Torres, meu antiquíssimo companheiro do PSDB, com quem convivi bastante, tanto em São Paulo como em Brasília, mas quero só fazer algumas correções.

Em nenhum momento eu disse que a CPI atrapalha.

**O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES** - Mas disse que havia patrocinadores aguardando o fim da CPI, que não põem dinheiro...

**O SR. WALTER FELDMAN** - Sim, é natural!

**O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES** - Mas isso é um atrapalho.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Mas não estou dizendo que ela está atrapalhando, ao contrário. Eu inclusive finalizei dizendo que ela cumpre sua função.



A única coisa que me preocupa é um longo período só de análise negativa do processo. Eu até proporia uma “URV do futebol brasileiro”. Nós pegariamos tudo o que foi eventualmente feito de errado, deixaríamos numa moeda para sucumbir com o tempo, mas criaríamos uma moeda nova, que é exatamente o que nós estamos propondo, ou seja, é possível construir um novo futebol? Sim, perfeitamente. A Copa Verde é um exemplo disso, assim como uma série de outras iniciativas que nós estamos tomando. O grande problema é que os críticos contumazes não valorizam as novas iniciativas por conta de um passado que não está ainda devidamente esclarecido. Mas isso não pode fazer o futebol parar, porque a paixão continua, as atividades de interesse econômico continuam, as crianças continuam nascendo, e elas têm que torcer pelos nossos times. Ou seja, há todo um processo muito mais complexo do que se reduzir o futebol à análise do passado.

Eu acho que essa imagem da URV talvez seja interessante.

**O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES** - Só que não contaria com o Fernando Henrique.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Como?

**O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES** - Não estaria lá o Fernando Henrique.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Bem, mas há outras gerações. Há outras gerações. Eu sou discípulo do Fernando Henrique, eu posso dar uma pequena contribuição a isso. Mas muitos darão; essa é uma obra coletiva.

Na verdade, é isto. Primeiro pretendo descaracterizar a sua fala de que eu disse que a CPI atrapalha. Muito pelo contrário, falei umas quatro vezes aqui da contribuição efetiva que ela pode dar, tanto na análise do passado como nas suas proposições em relação ao futuro. Acho que pode ajudar muito, inclusive aperfeiçoando ou mudando tudo aquilo que nós estamos pensando. Então, quero deixar bem claro isso.

Em segundo lugar, vejo uma valoração enorme que V.Exa. dá à investigação externa ao Brasil. Vamos supor que o FBI demore 10 anos para concluir a sua análise. Ficaremos aguardando? Daremos tempo aos americanos de fazerem análises de acordo com suas normas jurídicas e investigatórias, e, enquanto isso, todo o futebol está sob suspeita, não dá para avançar, e todos que estão aí, em



princípio, são — acho que esse é o termo — puníveis? É assim que nós vamos fazer?

É um pouco disso que estou falando, ou seja, o FBI também cometeu seus equívocos, o FBI também fez investigações que não tiveram conclusões tão certas como V.Exa. assegura, mas o que me deixou muito feliz foi que, pela primeira vez, eu ouvi de V.Exa. uma dúvida sobre o Presidente Marco Polo — uma dúvida. Ou seja, sobre os anteriores não há dúvida, mas sobre o Sr. Marco Polo há uma dúvida. Fico feliz de que pelo menos a condenação não tenha sido *a priori*.

Em terceiro lugar, faço uma outra correção: o que eu disse em relação ao COL é que eu conheço o Sr. Rogério Caboclo, sei da participação que ele teve e do administrador exemplar que é. Sei que lá, enquanto esteve, no período em que esteve, nas atividades que desempenhou, fez o que há de melhor do ponto de vista de gestão. Não saberia falar mais sobre o COL, porque é uma atividade que não acompanhei. Referi-me especificamente ao Sr. Rogério Caboclo, à excelência e à qualidade da sua gestão.

No mais, sei que um dia, nessa encruzilhada da vida, ainda faremos coisas juntos, pelo bem do futebol brasileiro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Concedo a palavra ao Deputado Roberto Góes.

**O SR. DEPUTADO ROBERTO GÓES** - Obrigado, Sr. Presidente. Queria saudar todos os que participam desta reunião e agradecer a presença do Dr. Walter Feldman, por quem tenho uma admiração muito grande.

Eu posso falar um pouco sobre o assunto, Sr. Presidente, de carteirinha, pelo pouco que eu já vivi na CBF e pelo pouco que eu já acompanhei. Em outros momentos, quando se sangra nesta Casa, a primeira coisa que acontece é que as pessoas correm para cima para sangrar mais ou se afastam da defesa que têm que fazer de uma instituição que conhecemos.

Eu digo isso porque, quando se fala em indício, que há indício de irregularidade ou indício daquilo, só por haver um indício a pessoa já é penalizada. Vou dar como exemplo prático uma notícia que li, que, lógico, não tem nada a ver com a CBF: “A PF indícia o Presidente do Bradesco na Operação Zelotes”. Ela está dizendo que há indício, não está dizendo que existe comprovação. Há indício. Vai-se



encaminhar para o Ministério Público, o Ministério Público vai denunciar, e a Justiça vai analisar. É esse o procedimento. Mas, antes de isso acontecer, em 5% já caíram as ações do Bradesco, que é um banco forte, que tem os seus problemas e os seus acertos.

Eu, particularmente, falo como Presidente de Federação e acompanhei um pouco a administração do Presidente Ricardo Teixeira e muito de longe, hoje, a administração do Presidente Marco Polo. Por quê? Porque hoje existe uma democratização nas ações da CBF. Eu falo porque conheço, falo porque sei. Já fui presidente de clube, cheguei a ser presidente de federação e sei que, no futebol brasileiro, não é a CBF que tem problema, mas, particularmente, todos os clubes da Série A, da Série B, todos os clubes que são filiados ao futebol nacional. Se pegarmos o Flamengo, como é que o Flamengo pode quebrar? Como é que um Vasco da Gama, um Fluminense, um Corinthians, um Palmeiras, um São Paulo têm problemas financeiros? E o apelo que têm esses clubes na relação com a torcida e com seus patrocinadores? Então temos que avaliar caso a caso.

Eu acho que a vinda do Dr. Walter aqui foi espetacular, Relator, porque pôde explicar um pouco o que a CBF está fazendo e o que vai fazer, porque, no final das contas, o que nós queremos é isto: a transparência. O País mudou, agora mesmo houve o *impeachment* da Presidente, muitos foram contra e outros foram a favor. Eu, particularmente, fui contra o *impeachment*, porque reconheci, naquele momento, que não havia motivação para o *impeachment* na questão das pedaladas, mas o que vale é a democracia.

Então hoje, na CBF, eu tenho certeza de que as questões administrativas... Dentro do que é o campo da legalidade do sistema brasileiro, a CBF está tranquilamente sem nenhum problema. Agora, nós precisamos pular essa página. Como disse o Dr. Walter, nós temos uma marca muito forte. O futebol brasileiro tem uma marca muito forte que pode ser vendida de forma positiva para o resto do mundo, e nós temos que aproveitar isso.

Eu sei que há muitos presidentes de federações que passam por problemas de administração, mas todos que estão lá são eleitos democraticamente, como nós somos eleitos para chegar aqui ao Parlamento. Há Deputados que têm cinco, seis



mandatos aqui, e tenho certeza de que, para se reeleger, eles têm que participar do crivo das eleições, sejam para Vereador, Deputado Federal e Governador.

Mas o que eu quero dizer? Eu acho que a sua vinda aqui foi importante para mostrar isso um pouco, porque esta é uma sessão que é divulgada pelo rádio, pela televisão, pela Internet, e estão sendo tomadas decisões na CBF para melhorar, para haver mais transparência nas ações. Isso vai fazer com que todos acessem o *site* da CBF ou acompanhem o trabalho da CBF, e ela, realmente, possa estar cada vez mais forte.

Mas eu queria fazer uma pergunta, Dr. Walter: existe o monitoramento de pesquisa com relação... Esse monitoramento é também feito com os jogadores e com a comissão técnica, com a escolha do técnico? Como é que o técnico da Seleção é escolhido? Ele é escolhido pelo monitoramento que existe da sua conduta, do seu aproveitamento no seu clube de origem, ou nos campeonatos de que ele participa? Como é que é feita a escolha do técnico da Seleção Brasileira de Futebol? Essa é a minha pergunta.

Eu quero parabenizar V.Sa. por ter feito uma belíssima explanação aqui com relação à CBF.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Antes de o nosso convidado, o Secretário-Geral da Confederação Brasileira de Futebol, responder à pergunta do Deputado Roberto Góes, para nós adiantarmos, porque a Ordem do Dia deve ter início dentro de mais alguns instantes, quero passar a palavra ao Deputado João Derly, que fará a sua pergunta, e V.Sa. responderá aos dois Deputados ao mesmo tempo. O Deputado João Derly — eu sempre faço questão de lembrar — foi o autor do requerimento para criação desta CPI.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Queria sugerir, Presidente: se todos os membros da CPI quiserem perguntar, eu posso anotar tudo e responder ao final. Vejo aqui o Deputado Chico Alencar, sempre presente.

**O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR** - Aqui, no caso, é sempre ausente.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Está pensando. (*Riso*) Bom, é só uma sugestão.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Então, com a palavra o Deputado João Derly.

**O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY** - Obrigado, Sr. Presidente. Quero cumprimentar o nosso convidado Walter Feldman. Vou tentar ser o mais breve possível. Quero pedir desculpas: não pude estar desde o início na CPI porque estava conduzindo uma audiência pública com as Forças Armadas, referente à preparação dos atletas para os Jogos Olímpicos.

Em uma entrevista para o jornalista Luiz Zini Pires, do *Zero Hora*, no dia 19 de março de 2016, V.Sa. declara que Del Nero é inocente, acredita que será inocentado. V.Sa. acredita mesmo que Del Nero é inocente? Essa é a primeira pergunta.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Agora é a CPI mesmo, não é? Pá! (*Risos.*)

**O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY** - É! E já nesse intuito, uma pergunta que quase todo mundo se faz: por que o Del Nero não viaja mais para fora do País desde o ano passado, após todo o esquema que foi deflagrado pelo FBI de corrupção na entidade maior do futebol mundial?

Qual critério de escolha também para o provimento de cargos dos gestores e diretores da entidade? Quero saber um pouco mais como é que funciona isso, se na escolha há algum critério específico.

A CBF também possui, nos seus quadros diretores, alguns Deputados, como o Deputado Marcelo Aro, o Deputado Vicente Candido e o próprio Sr. Walter, que já foi Deputado, é ex-Deputado. O senhor teria como nos explicar as atribuições do Diretor da Assessoria Legislativa, Vandenbergue dos Santos Sobreira Machado?

Sobre a Primeira Liga, composta hoje por 15 clubes, entregaram à CBF dez propostas para melhoria do futebol brasileiro. Vou citar aqui três: quanto ao sistema eleitoral, candidatos a Presidente necessitariam de apoio de cinco entidades, entre clubes e federações, para inscrição no processo eleitoral; segundo, reconhecimento do direito de os clubes criarem a liga nacional para gestão das duas principais séries do futebol brasileiro, a partir de 2017; terceiro, a adoção de manual de procedimentos para compra de produtos ou serviços, bem como para negociação de patrocínios que estimulem a competição e a transparência. O que o senhor acha



dessas propostas que foram apresentadas para esses 15 clubes que compõem a Primeira Liga?

E, há mais ou menos quatro dias... No dia 27 faz 1 ano do escândalo de corrupção, o maior escândalo de corrupção já visto no futebol mundial, um esquema criminoso envolvendo cartolas que se utilizam do poder de influência, contratos, seus direitos para competições do futebol mundial. Nós temos Joseph Blatter, que caiu, foi suspenso por 6 anos do futebol; nós temos Michel Platini, suspenso do futebol; Jerome Valcke caiu, suspenso por 12 anos do futebol; Nicolás Leoz, ex-Presidente da CONMEBOL, caiu e está preso; José Maria Marin caiu e está preso; Eugênio Figueiredo, ex-Presidente da CONMEBOL, caiu e está preso; Juan Ángel Napout — não sei se eu pronuncio corretamente —, outro ex-Presidente da CONMEBOL, caiu e está preso; Carlos Chavez, ex-Presidente da Federação Boliviana, caiu e também está preso; o ex-Presidente da Federação Venezuelana, Rafael Esquivel, caiu e está preso; o ex-Presidente da Confederação do Equador também caiu e está preso.

Um ano depois de toda a denúncia do FBI a até um alto escalão da CBF, daqueles que passaram pela CBF... E até dizem que o coconspirador nº 12 se encaixa, e é, sim, Marco Polo Del Nero, na investigação do FBI, e o senhor disse: *“Ao lado de Del Nero, vamos fazer uma CBF moderna, transparente, ética e social”*. Eu até me somo às palavras do Deputado Silvio Torres, que teve que sair. Eu lamento, porque hoje, vendo o Del Nero à frente da CBF, isso não mudará. Não vai ser com a mesma pessoa, que esteve durante anos como vice de Ricardo Teixeira e de outros, com todos os envolvidos em um esquema grande de corrupção, que vai haver a grande mudança da CBF, que vai continuar sendo arcaica, moribunda, obscura.

Enfim, eu ainda acho que a saída do Del Nero seria a melhor alternativa para nós, para deixar passar, de fato, o futebol a limpo e, assim, conseguirmos ver, realmente, as mudanças que nós desejamos para o nosso futebol.

**O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR** - Presidente, já que o amigo Walter provocou, quero abordar apenas duas questões mais gerais. O sempre Deputado Walter coloca — e eu não duvido da sua profunda boa intenção e dedicação a renovar a Confederação Brasileira de Futebol — assim: *“O Presidente da Federação*



de Mato Grosso do Sul, bem como o da Federação do Maranhão acabam bancando do próprio bolso a sobrevivência dessas entidades”. Essa benemerência toda, essa dedicação é a partir de uma postura de pura generosidade angelical, ou há uma perspectiva de estar se fazendo até um investimento sobre o qual não há controle social?

A segunda questão também: sempre se diz e repete que o futebol é uma atividade do âmbito privado, portanto a regulação estatal é negativa. Na medida em que o futebol é algo da cultura popular brasileira, é algo que mexe com as nossas emoções, paixões e interesses de maneira ampla, generalizada — isso é um traço da vida brasileira —, nesse sentido, o controle social é uma questão da democracia. Sendo assim, eu pergunto: como fazer com que a CBF, dentro desse plano de modernização, seja mais socialmente controlada? Que mecanismos dessa participação podem existir? Que contribuição a Câmara dos Deputados pode dar?

E, por fim, acho que foi o Deputado Arnaldo Jordy ou o Deputado Silvio Torres que lembraram o nome popular da CPI: CPI da Máfia do Futebol. V.Sa. — V.Exa. sempre — considera que não há máfias no futebol? Eu sou do Rio de Janeiro e sempre gostei muito de futebol. Ia menino ainda a pé para o Maracanã, porque sou carioca da Tijuca, mas sempre os dirigentes, meio inacessíveis, pareciam meio mafiosos, sim. E muitos continuam até hoje. Há até um que tem um time invicto há mais de 31 jogos da Segunda Divisão, já foi nosso colega aqui. Há um histórico que não se recomenda, e não é uma invenção a CPI da Máfia do Futebol. Há mesmo, na sua visão, essa máfia, ou houve? Como combatê-la? E por aí vai.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Eu estimei o Deputado Chico Alencar porque eu queria ouvir um pouco da sua poesia, permanente poesia, que é algo que eu tenho tentado também ao dar uma contribuição no futebol. Tenho escrito artigos — V.Exa. deve estar lendo no jornal *O Globo* — um pouco para trazer essa visão um pouco antropológica do futebol, o seu significado, um pouco do que V.Exa. disse no seu discurso. Então me desculpe pelo estímulo para que V.Exa. falasse, embora soubesse que viriam petardos fortes dirigidos nestes questionamentos.

Primeiro, Deputado Roberto Góes, nós temos feito pesquisas periódicas para saber questões relativas a calendário, questões relativas à presença de torcedores no estádio, imagens da Seleção Brasileira, e um pouco, ouvida a sociedade, faz



parte também a avaliação de uma visão de controle social, para nós captarmos a informação do sentimento popular.

A partir dessas informações, geramos medidas e mudanças do quadro para sempre nos aproximarmos daquilo que seria a melhor decisão. Por exemplo, temos a questão do calendário. Segundo a frase do Parreira, *“Calendário é coisa de gênio”*, porque é muito difícil.

Como é que se atendem os campeonatos estaduais? Como é que se criam copas regionais? Como é que se tem um Brasileirão cada vez mais animado, mas que não pode ser o mata-mata, porque o mata-mata já é da Copa do Brasil? Tudo isso os boleiros entendem como ninguém, mas é muito difícil, porque é o único país que tem a dimensão do futebol com essas características geográficas. Os outros países do mundo não têm federações. Têm a Federação nacional. Por isso, vemos esse papel das ligas.

Aqui é diferente, as federações têm um papel. Se não houvesse federações, não haveria futebol nos Estados brasileiros, a não ser Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Os outros teriam muitas dificuldades, se não fosse a Federação, porque os clubes não se organizam por si, a não ser, eventualmente, em ligas amadoras.

Não existe essa cultura de formatação de organização através dos clubes para o disciplinamento e para a organização do nosso futebol. Então, é uma característica também muita antiga e muito cultural que está sendo aperfeiçoada.

Em relação à Seleção Brasileira, é uma escolha do Presidente. O técnico da Seleção Brasileira é uma escolha do Presidente. Ele avalia, no quadro existente, aquele que seria o melhor. Então, as trocas... Quer dizer, o Dunga, na minha avaliação, é um bom técnico. Sei que não está de acordo com muitas opiniões. É um técnico muito disciplinado, muito disciplinador, tem uma visão científica muito apurada, tem uma respeitabilidade grande do plantel, porque já esteve em campo, sabe o que é, levantou a taça. Não se encontra um teórico que tenha esse passado tão brilhante, como teve o Dunga.

Nós acreditamos que é trabalho de médio e longo prazo que muda a realidade. No Brasil, um dos esportes é mudar o técnico o tempo todo. Nossas mudanças são dramáticas, porque respondem a uma demanda na torcida e a um



mau resultado. Então, não se consegue um planejamento e uma adequação no plantel de longo prazo.

É assim que funciona, ou seja, a Comissão técnica, depois de escolhida, principalmente o técnico, tem a sua total independência. Não há mais “cartola” ou dirigente que influencie as suas decisões. Mas nós fazemos pesquisas periódicas para saber o que está acontecendo e como ter a opinião do público em relação às nossas medidas e às medidas que devem ser mudadas.

Em relação a esse interrogatório do Deputado João Derly, eu acredito, é claro que eu acredito na inocência do Presidente Marco Polo Del Nero. Eu teria dificuldade de estar lá, se não fosse assim. Enquanto não houver prova em contrário — acredito que não haverá —, ele provará sua inocência, e nós vamos, a partir daí, dar andamento mais forte em relação às medidas que já estamos adotando.

Eu acho que eu aprendi muito no futebol isso. Eu faço até uma autocrítica, como político, nessa linha que o Deputado Roberto Góes falou: há indício, é culpado. É assim que funciona a nossa cultura de julgamento. Nós julgamos, é culpado e ponto final. Imaginem como estariam todos os partidos políticos, todos, sem exceção! Até a minha querida Rede tem denúncias, tem problemas. Até o PSOL tem denúncias! Imaginem se, de repente, a partir de uma denúncia, imediatamente nós fazemos julgamento, excluimos, punimos, expulsamos!

Nós temos que ter convicções, temos que ter elementos de prova. É assim que deve ser. Democracia é assim, porque inimigos, adversários e contendores nós temos de todos os lados. Então, acho que nós devemos tomar cuidado. Mesmo o Senador Randolfe Rodrigues tem denúncias contra ele. Não há denúncias contra Randolfe Rodrigues? Por causa disso ele deixa de ser merecedor de ser incorporado à Rede, que é um partido absolutamente preocupado com a ética? Não. Ou seja, isso não foi consistente para que houvesse esse julgamento final.

Então, eu não concordo com a sua opinião. Eu acho que não há motivos para a saída de Del Nero da Presidência para a qual ele foi legitimamente eleito. Não há pedido de *impeachment*, não há saída obrigatória. Tem-se dado sequência às medidas, e nós acreditamos que isso vai ser superado.

Seria bom para o futebol? Eu acho que isso seria se submeter ou se subjugar a algo que pode ser apenas uma denúncia.



Veja bem, Deputado João Derly, todo mundo caiu — como é a sua análise. Caiu todo mundo, sem exceção. No Futebol Sul-Americano, caíram todos, só ele é que não. Que proteção especial ele tem contra o FBI, contra a comissão de ética da FIFA, contra toda a imprensa brasileira, contra, eu diria, o senso comum?

O senso comum é isto: é um rio que caminha.

Não é possível, só ele não caiu! Somente contra ele não existe uma denúncia sustentável. Será que não cabe uma dúvida aí de que talvez se esteja cometendo um equívoco, como muitas vezes se cometeu, até no caso das penas de morte, nos julgamentos americanos? Por que não dar chance a essa dúvida? Por que ele teria que renunciar à sua história e se submeter a uma condenação *a priori*?

Fico com a inocência. Eu acredito que ainda vamos ter o julgamento final. Isso é o que nos dizem os elementos da defesa tanto em relação ao FBI, como em relação ao Comitê de Ética da FIFA.

E por que não viaja? Porque o modelo americano policia o mundo. Então, a qualquer denúncia, prende-se e se obtém, eventualmente, a delação.

Então, eu lhe pergunto: nessa situação, o senhor viajaria? Tendo convicção da sua inocência, o senhor viajaria?

**O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY** - Eu viajaria, porque tenho a mente tranquila.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Eu lhe digo que não, porque o FBI o prenderia, mesmo que o senhor fosse inocente. É assim que funciona.

Então, eu lhe digo — e não tenho nenhuma dúvida da minha inocência: nesse quadro, eu não viajaria também.

Não sei se essas são as razões...

**O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY** - Então, ele tem receio de ser preso?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Não, eu não sei se são essas as razões de Marco Polo, mas é assim que funciona o sistema. É assim que funciona. Eu, na situação dele, não viajaria, mas não sei se são essas as razões dele.

Então, isso cabe muito mais como argumento crítico de quem tem uma postura de oposição. Aí eu entendo.



Não viaja. Tem medo? Tem dificuldades? Não, é porque, hoje, o funcionamento do sistema de tentativa de delação por parte daqueles que têm alguma denúncia, mesmo sendo inconsistentes, é assim. É assim que funciona.

Eu acho que o Presidente Marco Polo tem tomado medidas para realizar a sua defesa, mesmo sem ter elementos, sem saber do que está sendo acusado, o que é muito difícil. Imaginem! Num sistema democrático tem-se o direito de saber tudo em relação a um processo que esteja sendo analisado. Nós não sabemos. Não temos nenhuma informação.

Então — eu vou falar por mim —, eu não viajaria num quadro desses, e os senhores são testemunhas do meu compromisso histórico com aquilo que, na minha avaliação, deveria ser o posicionamento correto.

Provimento de cargos. O trabalho da Ernst & Young pressupõe que criemos uma linha de ascensão funcional por mérito. Não existia ascensão funcional na CBF, não existia análise de cargos e salários, não existia análise das funções dos cargos que são providos. Portanto, nós estamos introduzindo toda uma estruturação, de tal forma que todo funcionário terá avaliação permanente, terá a sua ascensão funcional por mérito e terá o salário correspondente. E a entrada deverá ser da mesma maneira. Então, é o novo modelo que está sendo adotado.

A questão dos Deputados é uma questão...

**O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY** - Desculpe-me por cortar-lhe a palavra novamente. A escolha é feita por quem? É por mérito, mas...

**O SR. WALTER FELDMAN** - O que nós estamos introduzindo? Havendo uma vaga para determinada posição, abrem-se as oportunidades junto ao mercado. Vou lhe dar um exemplo: o Diretor de Competições, Manoel Flores, entrou por essa via. O currículo dele foi julgado, e ele se colocou como o mais bem preparado para ocupar a função pela qual deu entrada na CBF — na ocasião, gerente.

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**O SR. WALTER FELDMAN** - Sim. Exatamente.

Eu diria que estamos introduzindo essa categorização por mérito e por qualificação profissional, que são as orientações da Ernst & Young. Esse é um dado importante, Deputado Chico Alencar. Os patrocinadores hoje querem isso. Os patrocinadores são o sustento financeiro. Eles querem saber quais são as medidas



que nós estamos adotando em relação às práticas do mercado, em relação a empresas privadas: Comissão de Ética, Código de Ética, transparência, prestação de contas, demonstrações financeiras.

Não dá mais. Essa necessidade é inexorável. É assim que nós vamos nos comportar, porque, senão, não haverá sustentação de um modelo, seja para termos o futebol que queremos, seja para termos o financiamento que esses patrocinadores exigem.

Hoje há um sistema chamado Pacto pelo Esporte, no qual 90% das entidades patrocinadoras de futebol estão incluídas, e lá se exige tudo isso que nós estamos fazendo. Esse é o controle social, e ele está cada vez mais amarrado nesse modelo. Tem que caminhar por aí. Isso vai acabar com o conflito no futebol? Não, porque os opinadores sempre existirão no futebol, mas vão acabar essas dúvidas, eu diria, primárias, sobre como o sistema deve funcionar.

A questão dos Deputados está sendo avaliada no Código de Ética — se elementos com mandatos poderiam fazer parte das diretorias da instituição. Ainda não existe uma decisão a respeito.

O Vandenbergue está presente aqui. Ele é diretor da CBF, cuida das relações institucionais, particularmente aqui em Brasília, e tem dado uma enorme contribuição no acompanhamento dos projetos que tramitam nesta Casa e no Senado, relativos ao interesse do futebol brasileiro. E está, particularmente agora, acompanhando os trabalhos da CPI.

Primeira liga. O sistema eleitoral também está sendo discutido no estatuto, no comitê de reformas. Então, esses elementos chamados de cláusulas de barreira para candidaturas estão sendo discutidos. O colégio eleitoral está sendo discutido, e a decisão será tomada tanto pelo comitê de reformas, como pela direção da CBF, como pela Assembleia Geral.

**O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY** - O Colegiado está sendo discutido?

**O SR. WALTER FELDMAN** - O Colegiado... A Confederação Brasileira de Futebol é a confederação mais democrática do Brasil. Ela, além das Federações... Todas as outras só têm o Colégio Eleitoral de Federações. A CBF tem um Colégio Eleitoral da Série A, das Federações; tem agora, provavelmente, da Série B e, eventualmente, de outras séries. Há uma tendência a abrir...



**O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY** - Hoje, para ter uma candidatura, teria de ter oito federações...

**O SR. WALTER FELDMAN** - Hoje, oito e cinco clubes.

**O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY** - Não acha que é muito pesado para tentar uma candidatura?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Olha, corresponde um pouco a outras instituições, que exigem, em geral, um terço da presença dos membros eleitores.

Alguns até criticam, acham que oito federações é pouco, porque um terço — nove, no caso —, seria o número ideal. E cinco clubes é um número pequeno, particularmente agora, com a presença da Série A e da Série B, mas está em discussão. Não há nada fechado em relação a isso.

O direito da Liga Nacional, isso está no Estatuto do Torcedor. Se os clubes brasileiros quiserem criar uma liga, eles estão absolutamente liberados para isso. A única coisa é que, para entrar no sistema, eles têm que ter a aprovação da CBF. Não haveria nenhuma dificuldade para isso, tanto que nós não fizemos nenhuma resistência à Liga Sul-Minas-Rio. Nenhuma resistência. Tudo o que saiu na imprensa não corresponde à verdade. A liga foi criada — ela tinha todo o direito de ser criada —, ela fez a Copa Sul-Minas, e nós apoiamos. Estamos tentando agora negociar a edição 2017, para tentar evitar os atritos, conflitos de calendário. Estamos fazendo um esforço para em 2017 ter menos conflito possível.

Agora, isso é um problema também, porque aumenta o número de jogos, e uma das demandas é reduzir o número de jogos para os clubes se prepararem melhor, para terem temporadas fora do Brasil. Então...

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**O SR. WALTER FELDMAN** - Diminuir só o número de jogos.

Há uma contradição, porque a liga sempre traz uma nova Copa. E uma nova Copa é sempre um pouco mais elitista, porque é uma tentativa de sair dos clubes menores. Eu não vou chamar de elitista, seria um pouco desrespeitoso — eu queria extrair das atas essa palavra —, mas tenta pegar os clubes grandes. Então, é assim.

O manual de procedimentos de contratação é uma das orientações da Ernst & Young que nós vamos seguir à risca. Haverá um manual de procedimentos de



contratação de terceiros, de empresas. Não poderá deixar de passar por um sistema muito rígido de controles. Acho que é isso.

**O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY** - Já possui esse manual?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Eu diria que ele está em marcha. É um dos elementos que estão com sinal amarelo. Já gostaríamos de ter isso resolvido, mas são tantas as alterações que nós temos que fazer, que essa ainda demanda uma dedicação maior. Na semana passada, nós decidimos que vamos acelerar esse processo.

Só para encerrar, Sr. Presidente — tenho sido muito longo nas respostas, não é? Eu reconheço.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Fique à vontade.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Obrigado pela sua tolerância.

O Deputado Chico Alencar falou em benemerência — o Deputado Chico Alencar pode falar.

Deputado Chico, eu vi isso a minha vida inteira. Há um grupo de médicos que trabalha na periferia de São Paulo há 40 anos e que paga para trabalhar como médicos. Eu conheço uma quantidade gigantesca de dirigentes de futebol amador que dão de si, dão a sua vida para fazer o campeonato existir. E eu tenho visto a dificuldade de grande parte das federações de Estados pobres para sobreviverem à custa da vontade do seu Presidente, porque não existiriam. São Presidentes que às vezes estão há muito tempo. Não existe uma facilidade de substituição. A realidade de muitos locais do Brasil não é exatamente aquela que se imagina.

Então, eu diria que há vários dirigentes de futebol brasileiro que dão de si para que continue funcionando o seu sistema de competições, de torneios, particularmente das bases e do futebol feminino. Não é fácil.

Então, acho que é uma benemerência. É difícil sair, quando se entra. É difícil sair daqui, não é, quando se entra aqui como Deputado? Imagino que você dá uma parte do seu salário para financiar o seu mandato — boa parte, imagino —, para fazer uma série de atividades que o mandato não sustenta. É assim. Eu acho que há muita gente boa que faz isso.

O controle social é um pouco isso que eu falei. Nós estamos ampliando as redes sociais. Nós queremos ter cada vez mais, com a imprensa, uma relação



transparente e digna. O Código de Ética vai estabelecer compromissos rigorosos com relação à prestação de contas. Nós queremos ter agora congressos anuais para ouvir a sociedade sobre os grandes temas de aperfeiçoamento do futebol.

Esta semana, no futebol, o que houve no Rio foi genial — é uma pena que V.Exa. não tenha ido. Houve 12 palestrantes internacionais, clubes europeus. Tivemos Barcelona e Bundesliga, tivemos a Florida Cup trazendo as suas experiências. É uma forma também de nós ouvirmos o que de bom tem sido feito e de nos abirmos à mudança. Isso tem acontecido com muita frequência.

Há máfia no futebol? Eu não tenho convivido com ela. Eu não sei dizer, eu sou muito novo no futebol. Diria que sou um aprendiz. Vários que frequentam a CBF, quando não gostam de decisões minhas, falam: *“Mas ele não entende de futebol nada!”* Eu acho que não entendo mesmo. Entendo muito pouco de futebol. Eu entendo mais de sonhos e poesias, como V.Exa. Não que V.Exa. não entenda de futebol. Imagino que entenda até mais do que eu.

Não tenho convivido. Por exemplo, máfia na arbitragem não existe. Seguramente, hoje, a arbitragem no Brasil é muito bem dirigida pela Coordenação Nacional de Árbitros. Há muitos erros, há muitos problemas — errar é humano —, mas estamos tentando reduzi-los com árbitro de vídeo, com punição rigorosa aos árbitros, com qualificação permanente desses que se dispõem a tomar decisões.

Eu não falei sobre isso, mas nós estamos criando a Universidade Cooperativa, para radicalizar a preparação dos nossos técnicos. Foi o que fez o diferencial na Europa. Todos os técnicos têm que fazer hoje cursos para se qualificarem — é um curso máximo — A, B, C, inclusive para treinar a base, treinar os intermediários, para que sejam recebidos na Europa, na Ásia, nos Estados Unidos. Nós temos investido bastante nessa área de formação, não apenas de técnicos, mas de educadores físicos, preparadores e toda a área de medicina, para que o nosso futebol se qualifique cada vez mais.

Se há máfia no futebol, eu diria que, como toda atividade humana, nós estamos trabalhando para reduzi-la ao máximo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Mais algum Deputado quer fazer alguma pergunta?



**O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR** - Só curiosidade, Walter. Você disse que Dunga tem autoridade por ter vivido no campo. Ele não é um teórico, mas é um estudioso do futebol contemporâneo?

**O SR. WALTER FELDMAN** - Eu diria que, hoje, muito. Nós recebemos esses 12 palestrantes, particularmente da Europa. O Dunga é tratado com uma deferência muito especial. Ele é muito respeitado lá fora. Ele é hoje um teórico, eu diria, muito qualificado. Ele se qualifica cada vez mais e ele tem uma experiência prática como poucos treinadores do futebol brasileiro. Acho que é um excelente técnico. Precisa de tempo. Eu estava vendo os comentários sobre o último jogo do Panamá. Precisa de tempo para preparar uma equipe, mas, hoje, isso é muito difícil.

O pessoal fala muito no Tite. O Tite não tem experiência de Seleção. É um problema? Pode ser um problema. Pode ser. O Tite tem o Corinthians todo dia, toda hora. O Dunga recebe o time de vez em quando, para uma preparação de poucos dias, para colocá-lo em campo.

Então, há uma diferença brutal em relação a clubes, o que, muitas vezes, muitos analistas avaliam superficialmente. Essa é uma outra realidade, e, na minha avaliação, Dunga está muito preparado para ela.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudívio Carvalho) - Muito bem.

Não havendo mais inscritos para o debate, eu concedo a palavra ao convidado para suas considerações finais.

**O SR. WALTER FELDMAN** - Eu queria agradecer aos assessores, aos consultores, a todos os que nos acompanharam. Desculpem-me, porque eu falo muito mesmo, mas falo com muita paixão. Acredito nas coisas que faço e tenho muita esperança em que consigamos dar ao futebol aquilo que ele merece tanto.

Quero encerrar parafraseando o Deputado Chico Alencar com uma frase de Nelson Rodrigues, que diz o seguinte: *“O pior cego é o que só vê a bola”*.

Atrás da bola existe uma Nação encantada e que precisa se encantar cada vez mais.

Eu hoje acredito que o futebol pode ser base importante para a construção de uma educação qualificada para as nossas crianças, para a construção de sonhos para uma parcela que pode ali se profissionalizar e para a totalidade, que se tornará



grandes cidadãos, para nós construirmos essa função civilizatória que poucas outras atividades humanas podem dar, além do futebol.

Muito obrigado. Boa tarde a todos.

Sr. Presidente, muito obrigado pela oportunidade, pela tolerância, pela paciência.

Muito obrigado ao Deputado Fernando, que se prepara para, depois de tantas audiências, dar uma grande contribuição com seu relatório.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Laudivio Carvalho) - Quero agradecer ao Secretário-Geral da Confederação Brasileira de Futebol, Walter Feldman.

Nada mais havendo a tratar, encerrarei a presente reunião, antes convocando este Colegiado para reunião a realizar-se quinta-feira, 2 de junho, às 9 horas e 30 minutos, para ouvirmos os Srs. Ricardo Borges Martins e Enrico Bueno de Moraes, Diretores Executivos do Movimento Bom Senso Futebol Clube e também para deliberação de requerimentos.

Está encerrada a reunião. Muito obrigado e uma boa tarde.